



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Instituto Universitário Das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida

Mestrado Integrado em Psicologia Clínica

Aspirações à parentalidade em indivíduos poliamorosos:
um estudo qualitativo de acordo com o modelo da Teoria de *Life
Course*

Viviana Afonso Charrua Candeias Costa

Orientador de Dissertação:

Professor Doutor Pedro Alexandre Costa

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia
Especialidade em Psicologia Clínica

2020

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do
Professor Doutor Pedro Alexandre Costa,
apresentada no ISPA – Instituto Universitário
para obtenção de grau de Mestre na especialidade
de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de começar por agradecer ao meu orientador, o Professor Doutor Pedro Alexandre Costa por ter tido um papel fundamental no meu crescimento. Por toda a paciência que teve ao longo desta minha etapa, por me ter ouvido e compreendido, por me acalmar e aconselhar nas minhas dúvidas e inquietações. Por toda a ajuda, longe ou perto. Pelas palavras, sempre construtivas que tinham a capacidade de me deixar motivada para continuar. Sem si, não teria sido possível. Obrigada professor!

Obrigada aos meus pais porque sem eles não estaria aqui, literalmente. Obrigada por investirem em mim, não duvidarem das minhas capacidades e, por vezes nem me questionarem. Obrigada por me proporcionarem sempre mais e melhor e alimentarem os meus sonhos. Mas principalmente, obrigada por toda a paciência (que sei que às vezes é complicado), compreensão e preocupação ao longo da minha vida.

Aos meus avós e aos meus tios pela preocupação constante. Ainda, aos meus tios de coração por todos os abraços, mensagens, gargalhadas, conversas e motivação que me proporcionaram, não só ao longo desta fase mas das várias fases ao longo do meu crescimento. Assim, Lena de Faro (Nelson, Afonso e Vasco), Sílvia (Rui, Jota Pê e Catarina), Paula do Norte (Fernando, Nandinho e Joaninha), Rita (Rui, Diogo e Duarte), Maurícia (Frederico) e Lena de Silves, obrigada por, perto ou longe, serem família.

À Teresa, um obrigada por estares desse lado desde sempre! Obrigada por todo o apoio, preocupação e amizade. Por nunca me largares a mão e por me incentivares a ser mais e melhor. Já são muitos anos de risos, conversas e aventuras. Por mais adversidades que a vida nos coloque, sei que estarás no backstage com os braços abertos para mim e obrigada por isso.

À Catarina Martins, à Catarina Sousa e à Leonor, por trazerem o Algarve até mim sempre que preciso e por me fazerem acreditar que as amizades ultrapassam qualquer distância temporal ou física. Obrigada por se manterem desse lado.

À Márcia Arnaud, por ser a minha “orientadora” ao longo desta passagem pelo ISPA, por toda a paciência que teve nas minhas crises de dúvidas e inquietações e por fazer mais do que devia. Por me tranquilizar em muitos momentos e por fazer com que sinta que tudo é possível, mesmo quando a “coisa está crítica”. Ainda, ao André porque entrámos nesta viagem ispiana e rapidamente fomos um “pack”, obrigada por toda a ajuda ao longo deste percurso, mas principalmente, por todos os risos e desabafos.

À Sara Lima Peixoto (Xotinhas), à Catarina Godinho (Falafel) e à Inês Febrero Lopo (Gémea) um gigantesco obrigada. Dizem que os amigos são a família que escolhemos, eu não vos escolhi mas digo-vos que não teria feito melhor, obrigada por me fazerem sempre sentir em casa, onde quer que eu esteja. O vosso apoio foi fundamental em muitos momentos deste meu percurso. Obrigada por caminharem comigo nesta aventura. Obrigada por serem especiais. Levo-vos comigo para a vida.

À Catarina Martins (Wifey) por todas as energias positivas e palavras de motivação. Obrigada por seres um porto de abrigo quando há tempestade no mar. Obrigada por teres sempre uma palavra bonita nos momentos menos bons. Obrigada por acreditares em mim, por vezes, mais do que eu e me fazeres ver que conseguimos tudo, basta querer. Obrigada por tornares mais fácil esta caminhada. Obrigada por existires na minha vida.

À Bia. Obrigada por toda a preocupação, ajuda e por descomplicares muitos dos meus problemas e crises existenciais. Obrigada por toda a paciência e pela mão dada mesmo que à distância. Obrigada por teres aguentado o barco e pelos pequenos pormenores que fizeram a diferença para que não fosse ao fundo nesta viagem. Obrigada pelos abraços-casa e pela voz de reconforto. Obrigada pela música que dás à minha vida!

Ao ISPA por estes anos que nunca esquecerei. Obrigada por tudo aquilo que vivi e por tudo aquilo que lá passei. Obrigada a quem, de uma forma ou de outra, fizeram parte e fizeram com quem se tornasse muito mais divertida esta estadia. Obrigada pela marca que me deixaram. Desde o bar aberto ao bar fechado, guardo com um enorme carinho esta minha casa!

Por último, agradeço aos meus participantes. Gostei bastante de os conhecer, de os ouvir e das perspetivas diferentes que me proporcionaram. Obrigada por toda a disponibilidade, abertura e confiança. Obrigada por terem contado um pouco das suas histórias. Obrigada pela ajuda e terem feito com que este estudo fosse possível. Espero passar um pouco da vossa mensagem a todos os que me lerem.

Resumo

Esta investigação teve como objetivo compreender as aspirações à parentalidade em indivíduos poliamorosos, de acordo com os princípios do modelo da Teoria do *Life Course*. Para isso, foi utilizada uma análise qualitativa através do método da análise temática com uma amostra de nove indivíduos autoidentificados como poliamorosos. Destes nove participantes, cinco são do género feminino, três do género masculino e um não-binário. Foram realizadas sete entrevistas individuais e uma em casal. Observou-se que, pelo início da parentalidade, ocorreu um fechamento da relação central face às restantes. No entanto, todos os participantes percebem existir benefícios resultantes da interação e presença das várias relações na vida dos seus filhos. Por isso, há uma discrepância entre a expectativa de ajuda e interação entre as relações e a realidade dos participantes que fecharam a relação. Todos os participantes demonstram desejo da parentalidade, uns com mais intensidade que outros e, poucos com intenção. A interação com crianças e a desconstrução dos papéis de género foram as formas promotoras de desejo e intenção. Foi possível observar que a iniciação ao poliamor e a relação atual foram potenciadores de mudanças de perspectiva da parentalidade. Os principais aspetos que consideraram para a altura certa e que fazem adiar ou exercer a parentalidade foram a idade, as realizações pessoais e a estabilidade. Foi possível observar que os receios sociais que os participantes antecipam são motivos para adiar a concretização da parentalidade e que os retrai na intenção da mesma, principalmente sobre os contextos escolares e as questões legais.

Palavras-chave: Não-monogamia Consensual; Poliamor; Parentalidade, Teoria do Life Course.

Abstract

This investigation aimed to understand the aspirations of parenting in, polyamorous individuals, according to the principles of the Life Course Theory model. For this, a qualitative analysis was used through the thematic analysis method with a sample of nine individuals self-identified as polyamorous. Of these nine participants, five are female, three are male and one non-binary. Seven individual interviews and one couple interview were conducted. It was observed that, due to the beginning of parenting, the central relation was closed to the others relations. However, all participants realize that there will be benefits from interaction and presence of various relationships in their children's lives. Therefore, there is a discrepancy between the expectation of mutual assistance and interaction between the relationships and the reality of the participants who closed the relationship. All participants show a desire for parenting, some with more intensity than others and few with intention. The interaction with children and the deconstruction of gender roles were the forms that promote desire and intention. It was possible to observe that the initiation to polyamory and the current relationship were potentiators of changes in the perspective of parenting. The main aspects that they considered for the right time and that make postponing or exercising parenting was age, such as personal achievements and stability. It was possible to observe that the social fears that the participants anticipate are reasons to postpone the realization of parenting and that it retracts them in the intention of parenting, mainly school contexts and legal issues.

Keywords: Consensual Non-monogamy; Polyamory; Parenting, Life Course Theory

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	4
<i>Aspiração à Parentalidade</i>	4
<i>O Poliamor</i>	12
<i>Poliparentalidade</i>	14
<i>Modelo Life Course</i>	17
<i>Pertinência do Estudo</i>	19
Método	23
<i>Participantes</i>	23
<i>Instrumentos</i>	24
<i>Procedimentos</i>	26
Plano de Análise	26
Resultados	28
Relação com os Parceiros	30
<i>Fechamento da relação pelo início da parentalidade</i>	30
<i>Reabertura da relação após a parentalidade</i>	31
A tomada de Decisão da Parentalidade no Seio do Poliamor	32
Interligação entre Poliamor e Parentalidade	33
Desejo e Intenção da Parentalidade	36
<i>Interação com crianças como promotora do desejo e intenção da parentalidade</i>	38
<i>Desconstrução dos papéis de género como promotor do desejo e intenção da parentalidade</i>	39
<i>Mudanças de perspectiva sobre a parentalidade</i>	40
Altura Certa para a Parentalidade	42
<i>Fator idade</i>	43
<i>Fator das conquistas pessoais</i>	44

<i>Fator estabilidade</i>	45
Receios Sociais que Adiam a Concretização da Parentalidade	48
<i>Balanço entre vantagens e desvantagens da parentalidade</i>	52
Discussão	55
Estudos futuros	66
Conclusão	67
ANEXOS	74
<i>Anexo A – Carta de Consentimento Informado</i>	75
<i>Anexo B – Carta de Devolução</i>	77
<i>Anexo C – Questionário Sociodemográfico</i>	78

Índice de tabelas

Tabela 1 - Informações sociodemográficas e características dos relacionamentos dos participantes.	23
---	----

Índice de figuras

Figura 1 – Mapa temático dos resultados dos participantes	29
---	----

Introdução

Ao longo dos anos, a sociedade sempre ditou o que era o correto e o incorreto, o que era passível de se seguir e o que era punível por desrespeitar as normas. Segundo Porto (2018) aquilo que é o normativo implica certas atitudes e procedimentos a serem cumpridos conforme as regras estabelecidas socialmente. Por conseguinte, o autor afirma que o que estiver de acordo com as normas é considerado algo normal e aceite e o que não está de acordo é marginalizado ou discriminado (Porto, 2018). Assim, as suposições consideradas como as certas são referentes aos casais de indivíduos de sexos diferentes - homem e mulher - ou seja, a heteronormatividade (Kitzinger, 2014). Isto é, apenas é considerado como algo normal e natural quando os indivíduos de sexos diferentes têm atração um pelo outro, expõem a atração entre ambos e, ainda, casam e constituem família (Kitzinger, 2014), considerando-se, assim, como o exemplo correto a seguir. Logo, a sociedade direciona-se para projetar nos indivíduos um ideal, o que acaba por ter repercussões ao longo das suas vidas, a vários níveis.

Com o decorrer do tempo, foram surgindo várias configurações familiares, entre elas a poliparentalidade. Segundo Larsen (1998) nos anos 60 e 70 começou a existir uma abertura em relação aos relacionamentos em grupo e em comunidade, começando o poliamor a fazer sentido para os indivíduos que tinham relacionamentos amorosos com mais de um parceiro. Assim, numa tentativa de compreensão das famílias poliamorosas começaram a surgirem alguns estudos, entre eles os estudos de Pallotta-Chiarolli (2006), Sheff (2014) e Klesse (2018). Ao longo desses estudos observa-se que os indivíduos poliamorosos, por pertencerem a uma minoria social e não corresponderem às normas, enfrentam desafios semelhantes aos indivíduos LGBT, como a descriminalização e marginalização da sociedade. Para além de existir uma falta de informação, ajuda e igualdade de direitos comparativamente aos indivíduos heteronormativos e monogâmicos. Não obstante, os indivíduos poliamorosos também enfrentam outros desafios particulares por existirem várias relações simultaneamente. Desafios esses que têm repercussões no pensamento da parentalidade e ao longo da mesma. No entanto, segundo Sheff (2014), não existe nenhum problema associado às crianças e ao seu desenvolvimento, ao estarem inseridas no contexto poliamoroso dos pais. O que existe são julgamentos, preconceitos e atitudes negativas por parte da sociedade.

O tema desta tese é a aspiração à parentalidade e a designação do mesmo foi operacionalizada para este trabalho referindo-se como sendo um ideal, associado ao

desejo de ter um/a filho/a. Este ideal envolve estabelecer a parentalidade como objetivo de vida a concretizar. Assim, a aspiração à parentalidade normalmente engloba um forte desejo de parentalidade, o planeamento, diferentes tipos de motivação, expectativas de parentalidade e da forma da sua concretização, bem como da frequência com que as pessoas pensam sobre este objetivo. Sendo assim, são vários os aspetos englobados na aspiração à parentalidade, os quais este trabalho irá ter em conta.

Existe muito pouca literatura sobre aspiração à parentalidade relacionado com indivíduos poliamorosos, sendo que a informação que existe se relaciona com as dinâmicas de funcionamento, os desafios, os benefícios e desvantagens que estes indivíduos encontram na parentalidade. Por isso, na literatura são utilizados os indivíduos LGBT para uma melhor compreensão e comparação do tema, não só por existirem pontos em comum entre ambos os indivíduos, mas também por poderem pertencer à comunidade LGBT. Por exemplo, no estudo de Costa e Bidell (2017), em Portugal, com participantes gays, lésbicas e bissexuais, observou-se uma maior percentagem de indivíduos a apresentar desejo da parentalidade do que os que apresentaram intenção. Com indivíduos poliamorosos, não existe algo com resultados concretos como no estudo anterior. No entanto, pode-se observar que no estudo de Arseneau, Landry e Darling (2019), é referido o planeamento como um dos aspetos a ter em conta na aspiração à parentalidade, por existir uma grande deliberação. Isto é, os autores consideram que a deliberação ocorre pela estigmatização da sociedade em relação aos indivíduos poliamorosos. Por isso, Sheff (2011) compara famílias poliamorosas com as de indivíduos do mesmo sexo, uma vez que ambos são minorias estigmatizadas, lidam com desafios sociais semelhantes e utilizam estratégias para lidarem com a parentalidade.

Por conseguinte, a amostra utilizada para este estudo são indivíduos poliamorosos, ou seja, pessoas que tenham mais do que uma relação afetivo-sexual simultaneamente, com idade compreendida entre os 20 e os 40 anos, com ou sem filhos. Para este estudo qualitativo realizaram-se oito entrevistas semiestruturadas, transcritas e analisadas conforme o método de análise temática. Esta investigação terá por base o modelo de *Life Course* e a visão do mesmo que propõe estudar os aspetos que constituem a aspiração à parentalidade através dos seus cinco princípios - desejo, intenção, motivação, expectativas, reflexão e *timing* - de maneira a compreendermos o curso de vida dos indivíduos e aquilo que os leva ou não a manifestarem a aspiração. É ainda de ressaltar que, os autores Rabun e Oswald (2009) consideram que, através da teoria de *Life Course*, para uma compreensão do desenvolvimento individual tem que se dar importância aos

contextos interpessoais, sociais e históricos específicos que têm influência nas experiências do curso de vida dos indivíduos.

Em suma, o objetivo desta dissertação, para além de enriquecer a literatura, centra-se em perceber, neste grupo de indivíduos pertencentes a uma minoria social, como se manifestam os mesmos quanto ao seu desejo e intenção de se tornarem pais/mães, de maneira a ser possível perceber os aspetos que compõem a aspiração e as respostas destes indivíduos perante os mesmos. Por último, outro dos objetivos deste trabalho centra-se em normalizar as experiências dos indivíduos poliamorosos, nomeadamente a parentalidade, de maneira a contribuir para uma diminuição da discriminação e marginalização da sociedade.

Enquadramento Teórico

Aspiração à Parentalidade

A monogamia, as relações heterossexuais e, conseqüentemente o ideal de família composta por um pai, uma mãe e o/os filho/os foi algo inculcido e imposto ao longo do tempo, pela sociedade na educação das pessoas, sendo, por muitos, considerado como parte da normatividade. No entanto, através da evolução da sociedade, das suas mudanças e transformações, acentuaram e identificaram a diversidade das novas representações familiares (Souza, Beleza, & Roberta, 2012). Tal como o divórcio se tornou bastante comum na experiência familiar, também os casais de indivíduos do mesmo sexo têm a sua contribuição para a criação de novas formas familiares (Power, et al., 2012). Isto é, ao longo do tempo, a família tradicional como exemplo modelo a seguir deixa de fazer parte da maioria da sociedade, uma vez que também existem outras representações familiares. Assim sendo, ao longo do tempo, foram vários os autores que tentaram acrescentar e completar a literatura sobre a aspiração à parentalidade em indivíduos que não fizessem parte da heteronormatividade da sociedade, abrangendo outros grupos de indivíduos e alargando conhecimento sobre os mesmos.

A aspiração à parentalidade engloba vários conceitos que se deve ter em conta de maneira a que se perceba, na íntegra, ao que se referem quando se aborda o tema com os indivíduos. Assim sendo, define-se como um ideal, associado ao desejo de ter um/a filho/a. Este ideal envolve estabelecer a parentalidade como objetivo de vida a concretizar. Normalmente, engloba certos aspetos que são tidos em conta para este estudo, tais como: desejo de ter um/a filho/a, o *timing*, o planeamento, diferentes tipos de motivação, diferentes expectativas de parentalidade e a forma da sua concretização e, ainda, a frequência com que pensam sobre este ideal. Considera-se existir desejo quando a pessoa demonstra sentir necessidade de querer, ou que, gostaria de realizar/concretizar, ou seja, relaciona-se à intensidade que a pessoa sente em relação a algo. Intenção, é aquilo que se pretende fazer, ocorrendo um planeamento sobre como e de que forma se irá realizar, coloca-se obstáculos, prevê-se sacrifícios e esforços para alcançar algo que se deseja. Resumidamente e, segundo Riskind e Patterson (2010) o desejo consiste no que um indivíduo quer ou gostaria de fazer, enquanto a intenção consiste no que se pretende ou planeia fazer. Contudo, o desejo de se ser pai/mãe pode ou não ser acompanhado de uma intenção de fazê-lo (Riskind & Patterson, 2010). A motivação é o porquê de se ter esse desejo ou essa intenção, é o que faz surgir, sendo que pode ser intrínseca ou

extrínseca. As expectativas, aquilo que as pessoas antecipam da experiência antes desta acontecer e pondo em perspectiva futura o que acham, pensam ou sentem que poderá acontecer ou que gostariam que acontecesse. A reflexão associa-se à frequência de quanto pensam sobre o tema e ao que é que pensam em concreto sobre o mesmo. Por último, o *timing*, poderá ser um condicionante ou um gatilho que estará por trás do despoletar do desejo e da intenção da parentalidade de cada um. Sendo que, todos estes aspetos poderão variar bastante de pessoa para pessoa de acordo com diversos fatores ao longo das suas vidas. O facto da amostra deste estudo se tratar de uma minoria social, esse trata-se de um fator de estudo pertinente uma vez que o mesmo terá um impacto na aspiração à parentalidade e, porventura mais relevante, na concretização da parentalidade. Por isso, os indivíduos poliamorosos, enquanto minoria social, assemelham-se aos indivíduos LGBT por partilharem vários processos ao longo das suas vidas como minorias que são, tanto ao nível pessoal como social, as descobertas, adversidades e preocupações que poderão surgir por não corresponderem com a norma da sociedade e, que, por consequência poderão ter influência nas suas aspirações à parentalidade. Para além disso, os indivíduos poliamorosos poderão ser heterossexuais ou pertencentes à comunidade LGBT, o que faz com que a literatura associe uns aos outros. Assim sendo, a orientação sexual é um aspeto a ter em conta quando se refere a este tema e que aparece na literatura em maior quantidade relacionada com os indivíduos LGBT que será utilizada para compreender a amostra deste estudo, uma vez que a mesma se encontra escassa na literatura.

Os autores Baiocco e Laghi (2013), em Itália, realizaram o primeiro estudo que avaliou os desejos e intenções dos pais/mães, o valor da parentalidade e a perceção individual de competência parental, em indivíduos gays, lésbicas e heterossexuais sem filhos. A orientação sexual foi considerada como o melhor preditor de desejos e intenções para os participantes. Os autores observaram que os indivíduos gays e lésbicas apresentaram menos desejo e intenção do que os indivíduos heterossexuais e, ainda, um nível mais baixo de enriquecimento e menos confiança em receber apoio social enquanto pais. Os resultados do estudo sugerem que enquanto alguns participantes gays e lésbicas querem ser pais, no que se refere às suas intenções estas acabam por diminuir em relação aos seus desejos devido às várias dificuldades existentes, tais como o acesso à adoção, à inseminação por doador ou à gestação de substituição. Também na Holanda, os autores Bos, van Balen e van den Boom (2003) realizaram um estudo, utilizando um grupo amostral de 100 famílias de mães lésbicas e 100 famílias de pais heterossexuais, com o

objetivo de examinar se as famílias lésbicas diferiam das famílias heterossexuais relativamente ao desejo e à motivação para a parentalidade. Um dos resultados observados foi que as mães lésbicas diferiam especialmente dos pais heterossexuais devido ao facto de os segundos apresentarem um desejo de parentalidade muito maior do que as primeiras. Complementando, ainda Riskind e Patterson (2010), enquanto primeiro estudo nos Estados Unidos a examinar as intenções, desejos e atitudes dos pais, numa amostra nacional representativa de lésbicas, gays e heterossexuais sem filhos de 15 a 44 anos de idade, constataram que os participantes gays e lésbicas se demonstram menos predisposição para expressar o desejo da paternidade do que os participantes heterossexuais. Os homens gays que apresentavam desejo de se tornarem pais estavam menos predispostos a apresentarem a intenção da parentalidade do que os homens heterossexuais. O mesmo não acontecia nas mulheres. No entanto, as causas para esta lacuna entre desejo e intenção não foram percebidas. Contudo, muitos homens gays e bissexuais querem tornar-se pais, apesar das inúmeras barreiras sociais, económicas e legais que enfrentam.

Através destes estudos apresentados, observa-se existir uma diferença entre desejo e intenção nos indivíduos, em que os que manifestam desejo podem não manifestar intenção de terem filhos estando a menor intenção associada à forma como pensam na parentalidade enquanto minoria social, numa perspetiva menos positiva de conseguirem a alcançar e/ou das situações negativas que poderão advir da mesma. Tate e Patterson (2019) partilham das mesmas conclusões anteriores, em que os indivíduos gays e lésbicas se demonstravam menos predispostos do que os participantes heterossexuais a manifestar desejo de parentalidade, acrescentando que as baixas aspirações parentais, destes primeiros indivíduos, faziam parte de um padrão geral de baixas expectativas em vários domínios da vida pois apresentavam menos expectativas/uma perspetiva menos positiva do que os segundos de conseguirem alcançar a parentalidade e, ainda em relação a realizarem o casamento, a sentirem-se conectados com a comunidade, a alcançarem carreiras significativas, a viver numa casa ideal ou a alcançarem a estabilidade financeira. No entanto, estes autores apenas se focaram nos desejos e expectativas dos participantes, as intenções não foram estudadas. Por último, em Israel, Shenkman (2012) com um grupo amostral de 183 gays com idades entre os 19 e os 50 anos de idade, observou haver uma correlação entre uma maior autoaceitação e estimativas mais altas de probabilidade da paternidade. Segundo o autor, este resultado pode indicar que quanto mais os indivíduos aceitarem a sua orientação sexual, menos a probabilidade de internalizar normas

estereotipadas e homofóbicas tal como a crença de que indivíduos gays não devem ter filhos. Para além deste pensamento do autor e a partir dele, também é possível observar que as ideias incutidas pela sociedade como normativas, internalizando-as, podem ter um enorme impacto nos indivíduos e, neste caso, nas suas visões sobre a parentalidade.

A sociedade em que os indivíduos estão inseridos é outro fator a ter em conta em relação à aspiração à parentalidade, bem como a cultura à qual estão expostos ao longo da vida. Por exemplo, a cultura italiana promove o casamento e a maternidade como sendo um valor central para a identidade das mulheres, o que pode ser um facto que acaba por ter importância e influência no desejo de terem uma família, existindo assim, uma pressão social (Baiocco & Laghi, 2013). Para além disso, a sociedade em Itália promove uma certa ideia de que as uniões entre pessoas do mesmo sexo não são moralmente aceitáveis e que, conseqüentemente, poderá afetar negativamente o desenvolvimento dos seus filhos (Baiocco & Laghi, 2013). Também no estudo de Shenkman (2012), o fator cultura teve a sua influência na aspiração à parentalidade dos participantes pois a avaliação que fazem da probabilidade de realmente virem a ser pais é menor do que o desejo que têm do mesmo. Segundo o autor, uma explicação possível para estes resultados é o processo complicado de se tornar pai gay na sociedade israelita. Uma vez que, nesta sociedade o casamento entre casais do mesmo sexo não é legalmente reconhecido e existe uma proibição de barrigas de aluguel. Apesar de, recentemente, a adoção por casais do mesmo sexo se ter tornado legal, ainda é muito rara.

Também os participantes do estudo de Riskind, Patterson e Nosek (2012) residentes nos Estados Unidos, com idade entre 18 e 44 anos ($n = 1,098$) que habitam em climas sociais mais favoráveis para minorias sexuais, relataram menos preocupação com os resultados do desenvolvimento das crianças e uma maior confiança em relação à parentalidade. Ao encontro dos estudos anteriores também está o estudo de Bauermeister (2014), realizado nos Estados Unidos, com homens solteiros que apresentam atração por indivíduos do mesmo género. Nos estados onde não prevalecem discriminações políticas, as aspirações parentais estão associadas a sintomas depressivos mais baixos e a valores de autoestima mais altos e, pelo contrário, os participantes que vivem em estados onde prevalecem proibições da igualdade no casamento ou da adoção para indivíduos do mesmo sexo, a aspiração à parentalidade encontrava-se associada negativamente à autoestima e a sintomas de sofrimento psicológico. O que leva a concluir que a forma como a sociedade atua perante as minorias sociais tem bastante influência na forma como estas minorias percebem a parentalidade, levando a que a vejam de uma forma

negativa e promotora de sofrimento. No entanto, a maioria da amostra do estudo identificou-se como sendo gay ou bissexual de maneira a que os resultados não são generalizados para indivíduos de minorias sexuais que não reivindicam essas identidades. Outro autor que foi ao encontro deste pensamento foi Shenkman (2012) que também observou que as estimativas de baixa probabilidade de parentalidade foram associadas, neste estudo, a uma menor satisfação com a vida e a uma maior depressão. São muitos os indivíduos gays que ainda assumem automaticamente que a paternidade não é uma possibilidade e muitos consideram o facto de ser gay como estando associado a não ter filhos (Baiocco & Laghi, 2013). Para os participantes gays e lésbicas, a parentalidade não é apenas socialmente desejável, por vezes, não é de facto realizável (Baiocco & Laghi, 2013). Sendo assim, segundo os autores Baiocco e Laghi (2013), os casais do mesmo sexo poderão enfrentar uma panóplia de obstáculos sociais, principalmente apresentados pela sociedade em que estão inseridos ou pela própria família e amigos, sendo que estes poderão representar um papel importante quanto à rede de apoio para que os indivíduos se tornem pais.

A idade, outro aspeto a dar importância que acaba por aparecer associado a outro aspeto, o *timing*. Em Portugal, Costa e Bidell (2017), numa amostra de lésbicas, gays e bissexuais (n = 568), com idades entre 18 e 76 anos, constataram que os participantes mais jovens revelaram uma intenção parental significativamente mais forte e, ainda, a intensidade da mesma diminuía com a idade. Riskind, Patterson e Nosek (2012) também observaram que os participantes mais jovens em comparação com os mais velhos, apresentavam uma menor preocupação com o desenvolvimento dos filhos e uma maior segurança quanto à parentalidade. No estudo de Goldberg, Downing e Moyer (2012) 35 casais gays pré-adoptivos (70 homens) com cuja idade média é de 38,4 anos, a idade apareceu como sendo um dos fatores influenciadores do *timing* para a paternidade. Alguns participantes constataram que o momento da paternidade estava fortemente ligado com o facto de terem esperado por um parceiro que se encontrasse igualmente motivado para ser pai como eles. Também os participantes do estudo de Rabun e Oswald (2010) 14 homens gays com idades entre 18 e os 25 anos, mencionam alguns aspetos que fazem com que os indivíduos adiem a idade adulta e, conseqüentemente, a parentalidade, por terem objetivos a alcançar antes da mesma. São mencionados aspetos sociais, económicos, recursos e oportunidades educacionais através dos quais criam determinadas realizações de status adulto para realizarem antes de se centrarem nos filhos, como: o final da sua educação, uma relação estável, estabilidade financeira. No estudo de Bos,

Balen e Boom (2003), observou-se que as mães lésbicas eram significativamente mais velhas do que os pais heterossexuais na época em que tiveram o seu primeiro filho e, por isso, nota-se que as mães lésbicas demoraram mais tempo a pensar nos motivos para ter filhos em comparação com as mães heterossexuais. Sendo que, a maioria dos casais de lésbicas decide ter filhos muitos anos antes de realmente se tornarem mães. Outro aspeto importante a ter em conta, neste estudo, é o facto de que as mulheres lésbicas considerarem a identidade da maternidade como um aspeto menos importante da conquista da idade adulta que as mulheres heterossexuais, pois as mulheres lésbicas pensam alcançar a idade adulta como sinónimo de uma compreensão positiva de si e como uma integração da sua identidade lésbica. Observa-se assim que as mulheres lésbicas têm desafios específicos em relação à sua identidade sexual que querem resolver, colocando-os como prioritários face à parentalidade.

Como referido inicialmente, a pouca literatura sobre os indivíduos poliamorosos em que se foca este estudo, é escassa associada ao tema das aspirações à parentalidade, o que levou a que ao longo desta literatura apresentada, as amostras que foram utilizadas para se estudar este tema pertencem aos indivíduos LGBT. Para além de que, a literatura que existe coloca-os junto dos indivíduos da comunidade LGBT. Na literatura existente dos autores Pallotta-Chiarolli (2006), Anapol (2011), Pallotta-Chiarolli, Haydon e Hunter (2013), Sheff (2011) e Sheff (2014) não existe informação concreta sobre a aspiração à parentalidade em indivíduos poliamorosos, pois baseiam-se numa exploração e compreensão dos impactos benéficos ou desvantajosos para as crianças, bem como das dinâmicas e estratégias de funcionamento na poliparentalidade. Assim sendo, autores como Elisabeth Sheff (2011) e Pallotta-Chiarolli (2006) que acrescentam a literatura do poliamor, associam as suas investigações aos indivíduos do mesmo sexo por partilharem de preocupações semelhantes em relação às políticas e práticas ao nível da saúde e da educação. Para além disso, Sheff (2011) menciona comparar famílias poliamorosas com as de indivíduos do mesmo sexo uma vez que ambos são minorias estigmatizadas, enfrentarem desafios sociais semelhantes e usarem estratégias idênticas para lidarem com a parentalidade.

O poliamor é comum em indivíduos gays, lésbicas e bissexuais, tal como se observa nas perspetivas de alguns autores que se centram em algum ou vários destes indivíduos poliamorosos. Por exemplo, AnderliniD'Onofrio (2004) com foco nos indivíduos bissexuais e poliamorosos, Deri (2015) sobre as experiências de mulheres poliamorosas queer, lésbicas e bissexuais, Robinson (2013) com mulheres bissexuais e

poliamorosas e, ainda, Shernoff (2006) com homens não-monogâmicos, permitindo assim uma inclusão e associação dos indivíduos LGBT para os fins de estudo. Para além de que, os autores Pallota-Chiarolli, Haydon e Hunter (2013) ao descreverem as polifamílias mencionam de uma forma ampla e inclusiva os indivíduos LGBT. Isto é, estes autores referem-se aos casamentos e/ou relacionamentos de vários indivíduos LGBT onde existe uma coabitação em comunidade com as crianças e, ainda, os relacionamentos abertos onde um ou mais dos indivíduos mantêm mais do que um parceiro. No entanto, Goldberg e Allen (2020) consideram que esta inclusão de indivíduos poliamorosos com indivíduos LGBT pode ser algo problemático porque as experiências de polifamílias são distintas. Por isso é necessário ter em conta aspetos únicos dos indivíduos poliamorosos, pelos quais os indivíduos LGBT não compartilham.

Posto isto, através da literatura existente que não tem estudos concretos, tem-se em atenção os poucos aspetos encontrados que podem ter a sua importância para uma compreensão das aspirações à parentalidade nestes indivíduos. Por exemplo, o estudo de Arseneau, Landry e Darling (2019) é pertinente pois entre outros assuntos é frisado um dos aspetos que faz parte da aspiração à parentalidade - o planeamento, havendo uma grande deliberação que aparece associado à estigmatização que existe em relação a estes indivíduos e o impacto que dela advém. Este estudo qualitativo teve uma amostra de 24 participantes poliamorosas, dos quais 13 são parceiros dos indivíduos e 11 são indivíduos com filhos. Estas famílias depararam-se com desafios únicos em relação aos cuidados durante a gravidez e parto e, partilharam muitas experiências em comum durante esta experiência que foram afetadas pela sua identidade poliamorosa, sendo que todos experimentaram alguma forma de marginalização. Foi mencionado que o sistema de saúde apresentava bastantes desafios, como por exemplo, ao nível administrativo, em que os formulários não tinham espaço para parceiros adicionais ou as pulseiras de identificação de recém-nascidos que poderiam ser emitidas para apenas dois pais. Para além disso, todos os participantes manifestaram um enorme processo de deliberação, especialmente em relação à comunicação e tomada de decisão em relação ao planeamento familiar. O que incluiu questões ao nível das decisões sobre o planeamento da parentalidade biológica e sobre os parceiros que iriam participar na parentalidade. Ainda, houve um planeamento, por parte destes participantes, em que escolheram profissionais de saúde que eles pensaram que seriam menos discriminatórios devido ao status do relacionamento. Para estes indivíduos mais parceiros significa mais apoio mas alguns parceiros não foram capazes de partilhar totalmente desse apoio, devido ao desconforto

em revelar os vários relacionamentos poliamorosos, acabando por apenas revelar que eram poliamorosos quando era clinicamente relevante (Arseneau, Landry & Darling, 2019).

É de salientar que a autora Sheff (2016) através dos dados recolhidos das três ondas do seu estudo *Longitudinal Polyamorous Family Study* (LPFS), abordou a teoria da resiliência através das famílias poliamorosas. A autora concluiu que as polifamílias tendem a ser flexíveis para atender às diversas necessidades, bem como, o facto de existir uma grande comunicação, destacando-se a honestidade e a negociação, ainda, uma tendência para a continuidade ao nível da conexão mesmo que ocorra uma separação. Sheff (2016) considera que a resiliência promove capacidades para que estes indivíduos considerem positivas as consequências relacionais e sociais que advém do poliamor. Pois, para a autora as famílias resilientes, ao longo das suas adaptações às novas mudanças que enfrentam, ocorre simultaneamente um processo contínuo de criação e recriação dos mesmos. Para além disso, menciona a flexibilidade existente na família poliamorosa, uma vez que, pode resultar em várias configurações. No seguimento deste pensamento, Klesse (2018) um dos autores que investigou sobre o poliamor e a parentalidade, vai ao encontro da autora anterior por ter feito surgir alguns assuntos, como: as várias práticas parentais, a experiência e impacto da discriminação social e legal, e a resposta dos pais à estigmatização. Aspetos a ter em conta com as aspirações dos indivíduos poliamorosos. Por último, no livro de Jessica Burde, *Polyamory and Pregnancy (The Polyamry and Purpose Guides Book)*, realizado em 2013, a autora enfatiza a importância dos indivíduos poliamorosos pensarem sobre a gravidez e a forma como essa experiência afetará os relacionamentos que mantêm. Refere também que a gravidez entre indivíduos poliamorosos e casais monogâmicos, pode ser mais complicada nos primeiros por existirem certos planeamentos, questões, decisões e restrições que os segundos não enfrentam. Ainda, menciona as ajudas e informações que existem sobre a gravidez e parentalidade, todos os procedimentos de esclarecimento de dúvidas e sobre cada etapa do processo, direcionada para os casais monogâmicos. Isto é, os indivíduos poliamorosos não têm acesso a diferentes perspetivas e recursos de maneira a encararem a parentalidade de acordo com as várias questões exclusivas que englobam o poliamor.

Em suma, é necessário perceber que, para além de algumas partilhas em comum, os indivíduos poliamorosos são pessoas que diferem dos indivíduos LGBT e entender um

pouco mais sobre o que é o poliamor e ter em atenção ao curso de vida dos mesmos no que diz respeito ao modo como aspiram a parentalidade.

O Poliamor

Poliamor surge da junção da palavra “Poly” que significa “muitos” e “amory” que significa amor, ao juntar ambas surge “muitos amores” (Veaux, F., 2010), ou seja, “amar mais de um” (Keener, 2004). O poliamor é caracterizado como sendo uma forma de relacionamento onde é possível e válido manter-se relacionamentos afetivos e sexuais com vários parceiros ao mesmo tempo (Haritaworn, J., Lin, C.-j., & Klesse, C. 2006), sendo que se podem tratar de relacionamentos entre indivíduos bissexuais, gays, lésbicas, heterossexuais ou transgêneros, pertencentes a diferentes culturas e classes sociais e, ainda, com a possibilidade de coabitação ou não de todos os intervenientes (Anapol, 2010; Pallotta-Chiarolli, 2010). “É uma filosofia e prática não possessiva, honesta, responsável e ética de amar várias pessoas simultaneamente ao invés de aceitar as normas sociais que ditam amar uma pessoa de cada vez” (p.3) (Veaux, 2010). Assim sendo, e segundo Cardoso (2010), o poliamor enquadra-se como prática e identidade, no contexto das várias formas de não-monogamia responsável. Anapol (2010) também demonstra uma perspectiva pertinente em relação ao significado do poliamor referida no seu livro *Polyamory in the 21st Century: Love and Intimacy with Multiple Partners*:

“Eu uso a palavra poliamor para descrever toda a gama de estilos de amor que surgem de uma compreensão de que o amor não pode ser forçado a fluir ou ser impedido de fluir em qualquer direção particular. O amor, que pode se expandir, muitas vezes cresce para incluir várias pessoas. Mas, para mim, poliamor tem mais a ver com uma atitude interna de deixar o amor evoluir sem expectativas ou demandas, que tem uma aparência particular do que com o número de parceiros envolvidos.” (Anapol, 2010, p. 1)

Anapol (1997) utilizou a frase “estilos de vida poliamorosos” num artigo que discute “relacionamentos abertos como consciência e estilo de vida amoroso” publicado em 1990 na revista Green Egg. Tendo sido criado, o termo poliamor, no ano de 1980 pelo casal Morning Glory e Oberon Zell (Anapol, 2010). Posto isto, denota-se que esta prática já existe há muito tempo, podendo corresponder a outros termos que não ao atual (Veaux, F., 2010). A poligamia enquanto movimento social pode parecer bastante desconhecido, no entanto, teve as suas raízes nas idéias revolucionárias da década de 1960 e, depois, enquanto não-monogamia em 1980, surgindo o termo poliamor na visão popular no início dos anos 90 (Keener, 2004).

Algumas pessoas confundem poliamor com poligamia, no entanto, o segundo conceito designa-se ao casamento com mais de uma pessoa (Anapol, 2010). Assim, na sociedade, o sistema matrimonial organiza-se através da monogamia onde ocorre um casamento de cada vez e da poligamia onde ocorrem vários casamentos simultaneamente (Silvério, 2018). A poligamia envolve outros conceitos mais específicos, tais como poliandria e poliginia (Keener, 2004). Por poliandria entende-se “o estado ou prática de ter dois ou mais maridos ao mesmo tempo” e por poliginia “o estado ou prática de ter duas ou mais esposas ao mesmo tempo” (Veaux, 2010), no entanto, supôs-se que o conceito de poligamia seria poliginia devido à raridade da poliandria. Em relação ao casamento, Anapol (2010) considera que as pessoas não têm noção de que houve uma mudança significativa na maneira como o casamento e os relacionamentos íntimos evoluíram nas últimas décadas e que, a maioria dos observadores concorda que o casamento tradicional está a falhar. Pois, 1 em 5 adultos praticam algum tipo de não monogamia consensual, como poliamor, sendo que, muitos são casados, têm filhos ou ambos (Hauptert, Gesselman, Moors, Fisher, & Garcia, 2016).

Altman e Ginat (1996) realizaram um estudo com casais poliamorosos, que apresentaram bastantes fatores de stress no casamento, sendo os mais frequentes: o conflito, os ajustes, o compromisso, a negociação, a concorrência e os ciúmes. Os conflitos surgem em relação às crianças, aos orçamentos e finanças, à mobília para a casa e condições de vida, às celebrações, à administração da habitação, aos ciúmes dos relacionamentos uns dos outros com o marido em comum. No entanto, é possível compreender que grande parte das questões geradoras de stress nas relações poligâmicas são comuns a qualquer casamento tradicional. Para além destes fatores relacionados com o ambiente vivenciado em casa, também existiam outros que estão relacionados com a cultura e a sociedade convencionais. Muitos participantes descreveram a vida num casamento plural como uma luta sem fim onde todos os dias seriam desafios e não se resolve completamente os ciúmes e as tensões inevitavelmente surgem (Altman & Ginat, 1996). Por isso, no poliamor é necessário existir uma total honestidade entre os parceiros de maneira a que estejam todos os envolvidos devidamente informados e confortáveis com a situação em que se encontram. Associado a isso, Keener (2004) refere que os problemas relacionados com o poliamor centram-se sobretudo nas questões: trabalhar nos problemas, honestidade, comunicação, ciúme, tempo e confiança. Para isso é necessário o estabelecimento de acordos colocando todos os indivíduos cientes da situação em que

se encontram, trocando ideias e opiniões. No entanto, Keener (2004) considera que um dos benefícios do poliamor é um enorme sistema de apoio.

Enquanto minorias sociais, tanto os parceiros de indivíduos do mesmo sexo como os poliamorosos enfrentam várias situações negativas ao longo do seu cotidiano por parte da forma como a sociedade lida e enfrenta estas minorias que acabam por ter bastantes repercussões nestes indivíduos. Sheff (2017) ao longo das suas investigações afirma como algumas pessoas em relacionamentos poliamorosos vivenciam preconceito e discriminação e que se torna problemático se todas as pessoas estereotiparem que todas as pessoas poliamorosas são problemáticas, incapazes de verdadeira intimidade e maus pais. A autora afirma que a discriminação é uma ação prejudicial contra uma minoria identificável e que, a discriminação contra os indivíduos poli pode assumir diferentes formas. Através dos seus estudos de 20 anos com famílias poliamorosas, observou discriminação ao nível de: perder laços de amizades e familiares; perder trabalhos e/ou certas oportunidades de trabalho; perder a custódia dos filhos; perder habitações; leis e regulamentos. São também acusados de confundir ou mesmo traumatizar os seus filhos ao convidar outros parceiros para casa e, ainda, existe uma crença generalizada em muitos terapeutas de casais que os relacionamentos poliamorosos equivalem ao fracasso, o que deixa um impacto negativo nesses relacionamentos (Dickson, 2019). Ainda, é bastante comum que o estigma em torno do poliamor desencoraje muitos indivíduos no *coming out* (Dickson, 2019). Para além de que, atualmente, não há proteção legal contra a discriminação de pessoas poliamorosas (Dickson, 2019).

Poliparentalidade

Na literatura existente, Elisabeth Sheff e Maria Pallota-Chiarolli foram as pioneiras na realização de estudos sobre polifamílias. Uma vez que há pouca informação sobre a família e a parentalidade em indivíduos poliamorosos, a informação que existe centra-se mais na parentalidade associada a indivíduos do mesmo sexo. Tanto as famílias de parceiros do mesmo sexo como as famílias poli desafiam os papéis tradicionais e oferecem alternativas aos modelos convencionais de género, no entanto, as segundas diferem das primeiras no que se refere à legalização do casamento de múltiplos parceiros e à sua relativa obscuridade uma vez que se encontra em causa uma variedade de aspetos legais e jurídicos (Sheff, 2011). As experiências das famílias poli são distintas e as crianças nestas famílias podem enfrentar níveis ainda mais elevados de invisibilidade e estigmatização em comparação com os filhos de pais do mesmo sexo (Pallotta-Chiarolli,

Sheff & Mountford, 2020). Sendo que, Anapol (2011) através das pesquisas realizadas com pessoas poliamorosas, concluiu que metade dessas pessoas têm filhos mas que, pelo menos metade dos mesmos tenta esconder as suas relações dos seus filhos.

No estudo de Sheff (2011) referente a famílias poliamorosas nos Estados Unidos, os participantes enfatizam alguns aspectos positivos no estilo de vida dos seus filhos, afirmando que os seus relacionamentos familiares poli permitem que tanto as crianças como os adultos tenham uma ampla variedade de necessidades atendidas. Sheff (2011) refere que existe um padrão que se repete das relações poliamorosas para a parentalidade destes indivíduos. Visto que, na base das relações poliamorosas se encontram valores como a comunicação, confiança, negociação e honestidade, estes princípios também são transmitidos ao longo da relação e educação com os filhos. Outro benefício apresentado pelos participantes do estudo de Sheff, foi o facto da existência de múltiplos adultos equivaler a um aumento de recursos e uma maior flexibilidade que, conseqüentemente, potencia uma maior resposta às várias necessidades do quotidiano: renda compartilhada, aumento do tempo pessoal para adultos, maior atenção para as crianças e, ainda, distribuição de tarefas por mais pessoas evitando que ninguém sofra com o peso do cuidado familiar. No seguimento destes pensamentos, os participantes de Arseneau, Landry e Darling (2019) afirmaram que a existência de vários parceiros e, por conseguinte, mais apoio de maneira a simplificar determinadas situações, tiveram impacto positivo nas experiências da gravidez, nascimento e pós-parto.

Segundo Sheff (2020), além da importância das habilidades de comunicação para a função familiar e uma parentalidade positiva, as habilidades de comunicação permitem que os pais mantenham relacionamentos em evolução com as crianças à medida que envelhecem ou ocorrem determinadas mudanças nas configurações familiares devido a circunstâncias de vida. No entanto, as habilidades nos relacionamentos românticos desenvolvem resiliência contra os riscos externos pois os pais tentam comunicar com as crianças de maneiras honestas e apropriadas à idade que mudam com o tempo à medida que a criança amadurece. Quando essa comunicação funciona bem as polifamílias resilientes são capazes de fornecer uns aos outros o tipo de apoio, flexibilidade e uma vasta rede de segurança que ajuda as crianças e adultos a sobreviverem às dificuldades e progredirem com as adversidades Sheff (2020).

O impacto do poliamor nas crianças é ainda um tema em estudo devido às suas conclusões controversas, pois, segundo as pesquisas bibliográficas de Keener (2004), alguns autores sugerem que as complicações e perturbações associadas à poligamia são

prejudiciais para o desenvolvimento da criança, mas por outro lado, a existência de mais modelos parentais poderá ser benéfico para a criança.

Keener (2004) estudou a experiência da criação de filhos e as expectativas em relação à mesma, em famílias poliamorosas. Alguns dos participantes descreveram experiências passadas relacionadas com a criação de filhos numa família poliamorosa e outros, sem experiência, expressaram as suas expectativas do que isso pode significar para eles. Nos dois casos, expectativa e experiência, foram descritos os benefícios de ter um suporte expandido e diversos modelos para as crianças. Foram destacados os vários modelos como promotores de uma mente mais aberta e uma maior aceitação das crianças para com os outros e, ainda, vários modelos como várias experiências de vida que as crianças podem conhecer. Demonstraram também que, relativamente à poliparentalidade, tudo depende das qualidades dos cuidadores e na educação dos filhos pois determinará ser uma experiência positiva ou negativa para a criação da família. Pois, no estudo de Sheff (2010) os participantes afirmam que o facto dos filhos, por vezes, se tornarem ligados emocionalmente aos parceiros dos pais que, mais tarde, acabam por sair das suas vidas quando o relacionamento romântico entre os adultos termina, é uma das desvantagens para as crianças que estão no seio de famílias poliparentais. Os autores Veaux e Rickert (2014) afirmam que a perda da proximidade com adultos em famílias poli tem efeitos e dinâmicas semelhantes aos rompimentos noutras famílias. No entanto, esta situação tem uma maior probabilidade nas famílias poli devido ao maior número de indivíduos em relação, podendo existir uma entrada e saída de novos elementos o que por sua vez, pode provocar alterações emocionais e de dinâmica familiar, que terá as suas implicações na criança.

Sheff (2010) aponta alguns problemas que poderão estar associados às crianças neste ambiente familiar poliamoroso, tais como: um ambiente que suscita aglomeração, sentida maioritariamente pelos adolescentes que gostam da sua privacidade; os ciúmes entre irmãos, em situações de pais diferentes; a necessidade das crianças se ajustarem a estilos diferentes quando confrontados com figuras parentais diferentes. Outra da desvantagem apontada por Sheff (2010) é a de que todos os membros da família poderão sofrer com o estigma de ter pais não-monogâmicos. Alguns estudos demonstram que existe uma grande preocupação por parte de pais poliamorosos com possíveis danos que a estigmatização pode causar à vida dos seus filhos, assim como, a sensação de ser estigmatizado também é um problema para algumas crianças nestas famílias (Klesse, 2018).

O fator cultural deverá ser bastante importante quando se refere ao poliamor e poligamia pois a sua prática pode-se apresentar semelhante entre as culturas, no entanto, a função que ele desempenha e as consequentes atitudes em relação ao mesmo, assim como o valor que a sociedade lhe atribui, determinará o seu impacto nas crianças (Keener, 2004). Os relatórios existentes sugerem que 1 em cada 4 indivíduos poliamorosos sofreram algum tipo de discriminação com base no seu status poliamoroso (Tweedy, 2010). Neste sentido, as famílias poliamorosas também descrevem compartilhar muitas experiências comuns ao enfrentarem bastantes desafios relativamente aos cuidados durante a gravidez e o nascimento afetados pela sua identidade poliamorosa, experimentando até algum tipo de marginalização relacionada com a mesma, sendo que alguns participantes expressaram medo que os profissionais de saúde descobrissem como motivo para chamarem os serviços de proteção da criança (Arseneau, Landry, & Darling, 2019). Para além de que, relativamente a este pensamento também existe uma preocupação em relações às questões administrativas, por exemplo, o impedimento de se colocar o nome de todos os parceiros nos formulários de escolas ou enquanto pais dos recém-nascidos nos hospitais (Arseneau, Landry, & Darling, 2019).

Modelo Life Course

Neste estudo realizou-se um estudo qualitativo com base no modelo teórico de *Life Course*. Uma vez que, os indivíduos geralmente elaboram o seu próprio curso e trajetórias de vida em relação a caminhos institucionalizados e padrões normativos, estando sujeitos a mudanças, tanto pelo impacto dos contextos mais amplos em que estão inseridos como pelo impacto da agregação das vidas que seguem esses caminhos. Forças sociais podem alterar esses caminhos por meio de intervenções planeadas ou não planeadas. Os indivíduos escolhem os caminhos que seguem, mas as escolhas são sempre limitadas pelas oportunidades estruturadas pelas instituições sociais e pela cultura (Mortimer & Shanahan, 2003). Ou seja, não se pode entender o desenvolvimento individual sem ter em atenção dos contextos interpessoais e históricos que moldam as experiências de vida ao longo do tempo (Rabun & Oswald, 2009).

Segundo Mortimer e Shanahan (2003) este modelo considera alguns termos importantes a ter em conta no curso de vida do indivíduo, tais como: as trajetórias que se caracterizam pelas sequências de papéis e experiências que são compostas por transições ou mudanças de estado; as transições que geralmente envolvem mudanças de status ou identidade, tanto pessoal como socialmente, o que pode levar a mudanças

comportamentais; os *turning points* envolvem uma mudança substancial na direção da vida de alguém. Segundo o autor, estes conceitos refletem a natureza temporal das vidas dos indivíduos, através do tempo histórico e biográfico. A idade e as suas conexões com o tempo tornam-se assim, o principal veículo para se compreender os contextos de mudança nas vidas das pessoas. Uma vez que, a idade também pode estar ligada a noções comuns sobre o comportamento apropriado ou o tempo adequado de certas experiências e funções. Um dos estudos apresentado no livro dos autores Mortimer e Shanahan (2003), demonstra que os prazos para início da paternidade foram referidos mais frequentemente para mulheres do que homens, o que aparece associado aos relógios biológicos das mulheres que impõem restrições significativas ao processo de reprodução.

Este modelo propõe examinar a história de vida de um indivíduo com base em cinco princípios fundamentais, são eles: 1) o princípio do desenvolvimento ao longo da vida, 2) o princípio da agência, 3) o princípio do tempo e do lugar, 4) o princípio do *timing* e, por fim, 5) o princípio das vidas vinculadas. E este estudo propõe utilizar este modelo para uma compreensão mais detalhada dos constituintes da aspiração à parentalidade em indivíduos poliamorosos.

Do segundo princípio, agência no desenvolvimento humano, surge a ideia de que o planeamento e a intenção podem afetar resultados do curso de vida (Mortimer & Shanahan, 2003). Relativamente a este tema, Arseneau, Landry, & Darling (2019) observaram que houve um forte senso de deliberação na tomada de decisões relativamente ao planeamento familiar um pouco complicada devido à existência de múltiplos relacionamentos, existindo assim algumas considerações para escolher um prestador de cuidados primário. Esta escolha também se baseou na garantia de uma segurança emocional e de se evitar a discriminação percebida com base na estrutura de relacionamento. Houve muitos participantes neste estudo que escolheram expressamente ter um parto em casa, pois essa opção eliminava preocupações sobre possíveis barreiras que as pessoas poliamorosas enfrentam no ambiente hospitalar. Pois, também o terceiro princípio diz que os indivíduos são agentes ativos na sua construção de vida e fazem escolhas dentro das restrições sociais e históricas (Mortimer & Shanahan, 2003).

A sociedade é um dos aspectos bastante referido, principalmente sobre a cultura da mesma que é inculcada nas pessoas, como uma preocupação e um medo pelo estigma ou algo negativo que pode surgir. Indo de encontro a esta situação encontra-se o terceiro princípio, o impacto da história e do lugar, reconhecendo a importância dos contextos sociais e históricos em que os indivíduos se encontram, onde podem ser afetados pelos

eventos e condições sociais, econômicas e culturais maiores (Mortimer & Shanahan, 2003). Por exemplo, Rabun & Oswald (2009) utilizaram o modelo *Life Course* para examinarem as visões da paternidade em homens gays. Relativamente aos obstáculos que antecipam, os indivíduos referem-se ao preconceito contra a homossexualidade, no entanto, mostrando uma visão positiva e privilegiada de um futuro menos preconceituoso e economicamente viável. No entanto, perceberam que os seus planos foram influenciados pelo apoio social e pela aceitação social. Ainda sobre este terceiro princípio, indivíduos e coortes de nascimento são influenciados pelo contexto e pelo local histórico. Por exemplo, os autores Rabun & Oswald (2009) constataram que o contexto histórico atual é um contexto que permite que este grupo de indivíduos reflita sobre as questões da paternidade de uma forma diferente que outro grupo de indivíduos de uma coorte anterior. Neste sentido, os participantes imaginam-se a formar uma família como indivíduos abertamente gays, sendo que já não percebem a necessidade de ocultar a sua identidade sexual, bem como, o seu desejo de parentalidade no sentido de expandirem o ideal normativo de família, replicando-o ou expandindo-o como forma de redução da centralidade das identidades, papéis e funções heterossexuais de procriação.

No que se refere ao quarto princípio, o princípio do *timing*, relativamente ao poliamor ter-se-á em conta o *turning point* de quando surgiu na vida de cada indivíduo e da sua trajetória até ao momento. Relativamente ao timing da aspiração, como visto em artigos anteriores, há indivíduos que têm motivações de colocar outros planos primeiro do que a parentalidade, preferindo cumprir os seus objetivos de status adulto e mais tarde exercer a parentalidade. O primeiro princípio também aparece aqui associado, uma vez que os padrões de adaptação e envelhecimento da vida adulta geralmente estão ligados aos anos de desenvolvimento do curso de vida (Mortimer & Shanahan, 2003).

Como se comprovou pela literatura referente ao poliamor, alguns dos aspetos que sobressaíram na restante minoria social também se evidenciaram na informação disponível sobre estes indivíduos. No entanto, também se verificou haver pouca informação para um melhor esclarecimento acerca do tema neste grupo de indivíduos, o que faz com que este estudo tenha a sua importância e pertinência na literatura.

Pertinência do Estudo

O debate atual sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo preparou terreno para a discussão mais ampla sobre quais relacionamentos devem ser legalmente

reconhecidos. É questionado se a poligamia legalizada será o próximo passo depois do casamento entre pessoas do mesmo sexo (Keener, 2004). Weitzman (1999) sugeriu que novas pesquisas poderiam ser facilitadas por uma abordagem qualitativa e que um estudo em que indivíduos poliamorosos são entrevistados em profundidade para que possam transmitir aos terapeutas os seus estilos de vida e necessidades atuais (Keener, 2004). Uma vez que os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres estão a mudar rapidamente, criando novas expectativas, crenças e atitudes sobre o que pais e mães devem fazer no contexto familiar. É importante que a sociedade esteja informada e que haja oportunidade para analisar as minorias e perceber como funcionam de maneira a tentar deixar o estigma da sociedade. Assim, igualar indivíduos para que todos possam ter os mesmos direitos e praticar as suas ações por livre vontade sem sejam determinadas pela sociedade em que se encontram.

Países como os EUA, Canadá e Austrália viram um aumento recente de atitudes positivas em relação a grupos minoritários sexuais, sendo estes casais homossexuais ou poligâmicos. Contudo, avanços em direção à aceitação da parentalidade do mesmo sexo não são tão evidentes (Webb & Chonody, 2012). Pessoas poliamorosas e da comunidade LGBTQ enfrentam muitos desafios semelhantes: a revelação, o estigma, as questões de custódia e os relacionamentos com as suas famílias. No entanto, a diferença entre estes grupos de pessoas é que existe uma grande invisibilidade por parte das pessoas poliamorosas, a sociedade não está tão ciente da existência deste grupo e isso oferece-lhes uma medida de proteção contra o estigma social que acaba por não acontecer nos grupos LGBTQ mais facilmente reconhecíveis. Nos dois casos, pessoas poliamorosas e LGBTQ inovam papéis, linguagem e comunidades para construir para si mesmos o que é convencional e a sociedade não tem, uma vez que o padrão antiquado exigia exclusividade sexual das mulheres mas permitia a infidelidade dos homens e o acesso a prostitutas (Sheff, 2011). A parentalidade poliamorosa é uma área pouco pesquisada e existem poucos recursos de saúde e educação disponíveis para apoiar as famílias poliamorosas (Pallotta-Chiarolli, Haydon, & Hunter, 2012).

Este estudo tem como objetivo estudar as aspirações à parentalidade em indivíduos poliamorosos, tendo em atenção os conceitos que englobam as aspirações à parentalidade e com os cinco princípios fundamentais do modelo de *Life Course* para uma melhor compreensão sobre o assunto.

Assim, esta investigação pode ser bastante pertinente não só a nível científico, mas também a nível social. Pretende-se com este trabalho enriquecer a literatura e

umentar o conhecimento sobre o tema. Pois a pouca informação sobre famílias poliamorosas reflete e influencia a ignorância em situações sociais, jurídicas, de saúde e educacionais (Goldberg & Allen, 2020). Ainda, nestes indivíduos, a falta de experiência e a falta de as diretrizes sociais geralmente levam à necessidade de aconselhamento psicológico, no entanto, o que acontece muitas vezes é a falta de conhecimento do terapeuta ou uma tendência para patologizar esses relacionamentos, com recomendações de terminarem essas relações sexuais não conjugais (Haslam, 2014). Por isso, este estudo contribui para que haja um maior conhecimento e prática da Psicologia Clínica, uma melhor compreensão sobre de que forma as aspirações à parentalidade surgem nos indivíduos poliamorosos, as configurações familiares, as práticas parentais, os obstáculos e receios que são encontrados. Uma vez que, são abordadas muitas das questões que confrontam as polifamílias, tais como: lidar com o estigma social e a rejeição social, rejeição por perto membros da família, o estigma que as crianças enfrentam ao viver em famílias não convencionais, promovendo a comunicação honesta sobre tópicos desagradáveis e a interação de outros relacionamentos com as crianças (Haslam, 2014). Sendo a parentalidade um acontecimento que envolve vários aspetos do curso de vida de cada indivíduo como algo importante para os mesmos, é pertinente a interligação com a Teoria de *Life Course*, para uma compreensão da forma é que as aspirações à parentalidade surgem nestes indivíduos, tendo em conta os vários princípios.

Para além disso, também se pretende informar sobre estes indivíduos, potenciando um melhor esclarecimento a toda a comunidade de maneira a desmistificar possíveis ideias sobre os mesmos e criar uma desconstrução de pensamentos. Tornar as crianças seguras e informadas desde o início, em relação às diversidades de relacionamentos, aos seus obstáculos, dificuldades e possíveis impactos para que seja algo lidado com normalidade. Conduzir a introspeções de pessoas que se possam identificar com esta população, mas que não se tinham deparado com o assunto. Contribuir para os modelos positivos com que estes indivíduos se possam identificar. Instruir profissionais de saúde e de educação de maneira a incluírem os indivíduos poliamorosos nas suas várias vertentes, promovendo-lhes os mesmos benefícios que os restantes indivíduos e, sendo também capazes de ensinarem sobre o poliamor. E, por último, colaborar para a normalização do poliamor e das experiências do mesmo para uma inclusão destes indivíduos na sociedade com os mesmos direitos e possibilidades que os restantes. Não só em relação à parentalidade e à perceção de que em nada põem em causa ou prejudicam o bem-estar das crianças e/ou o desenvolvimento e crescimento das mesmas. Mas também

aos diversos desafios que estes indivíduos atravessam numa sociedade isenta de informação e incumbida de discriminação.

Método

Participantes

Para este estudo foram recrutados nove participantes com idades compreendidas entre os 24 e os 37 anos ($M = 32.3$), e que se consideram poliamorosos, definindo-se assim como pessoas que mantêm relações afetivo-sexuais com mais de uma pessoa. Dos nove participantes, cinco são do género feminino, três do género masculino e um não-binário. Foram realizadas sete entrevistas individuais e uma em casal.

Tabela 1

Informações sociodemográficas e características dos relacionamentos dos participantes.

Nome*	Idade	Localização	Habilitações		Género	Orientação Sexual	Relacionamento(s)
			Literárias				
Tânia	24 anos	Lisboa	Licenciatura		Mulher	Heterossexual ("Ainda perceber")	Atualmente apenas a tem 1 relação com homem há 4 anos. Coabita com ele.
Diogo	36 anos	Porto	Bacharelato		Homem	Heterossexual	Atualmente 1 relação com a esposa. 1 filha de 2 anos *
Duda	33 anos	Lisboa	Frequência ensino superior		Mulher Não binária	Pansexual	1 relação de há 2 anos Atualmente é casada com um homem (uma relação de 11 anos e casada há 5 anos)
Susana	36 anos	Brasil	Bacharelato		Mulher	Pansexual	+ tem 1 relação com 1 casal (Homem e mulher) Há 6 meses
Nádia	31 anos	Porto	Licenciatura		Mulher	Heterossexual	Atualmente só tem uma relação há 3 anos (união de facto) Coabitam.

Jorge	26 anos	Lisboa	Frequência ensino Superior	Homem	Heterossexual	3 relações mais regulares (5 meses, 4 meses e 1 mês)+1 ou 2 pessoas mais esporádicas
Lúcia e Fábio	L – 36 anos F – 37 anos	Lisboa	L – Bacharelato F – Mestrado	L – Mulher F – Homem	L – Bissexual F – Fluído	Lucia - 3 relações (c/ o Fábio uma relação de 13 anos - união de facto) + 1 namorada desde Janeiro + 1 amigo colorido desde Outubro/Novembro + 1 relação afetiva não sexual) Fábio - relação com a Lucia + relacionamentos mais curtos, mais efémeros
Márcia	32 anos	Lisboa		Mulher	Bissexual	1 relação de 9 anos (casados há 5 anos)

Nota. Os nomes apresentados foram alterados de maneira a garantir o anonimato dos participantes.

Instrumentos

Realizou-se uma entrevista semiestruturada com cada participante tendo por base um guião da entrevista sobre o tema aspiração à parentalidade de maneira a compreender o mesmo através da experiência de indivíduos poliamorosos. O processo de desenvolvimento do guião decorreu de uma reflexão acerca dos principais conceitos na definição da aspiração à parentalidade. Esta entrevista foi realizada de maneira semidirigida, centrada no tema aspiração à parentalidade através de cinco temas principais: a importância, o desejo, a intenção, a expectativa e os custos e benefícios. Desta forma, o guião utilizado foi constituído por cerca de 30 questões centradas nos conceitos relacionados com as aspirações à parentalidade e, por vezes, adaptadas de acordo com o participante e o decorrer da entrevista. No início da entrevista foram colocadas questões mais centradas no poliamor, acerca das relações que os participantes mantinham para um melhor esclarecimento do estado relacional em que se encontravam os participantes e algumas informações sobre as mesmas. As questões que se apresentam aos participantes seguirão a sequência de temas expostos acima, de modo a que a entrevista comece por questões relacionadas à situação atual em que o participante se encontra para depois se tratar de temas mais complexos. Cada tema é constituído por

algumas questões abertas e algumas questões mais diretas. Quando necessário, foram utilizadas subquestões para obter maiores esclarecimentos sobre alguns temas que surgiam. Assim, começou-se por perceber um pouco sobre o poliamor através de algumas questões associadas ao mesmo, tais como: a duração “há quanto tempo estás nessas relações?”, o acordo que existe entre os envolvidos “fala-me um pouco sobre o acordo que tens com essas pessoas...”, a coabitação ou não dos envolvidos “divides casa com alguma dessas pessoas?”, a gestão do tempo com as várias pessoas “como gerem o tempo?” e as diferenças ou não que existem entre as várias relações “sentes que há diferenças nessas relações que mantém?” e, ainda, se havia um conhecimento por parte das outras pessoas em relação ao poliamor “de uma forma geral, dirias que as pessoas sabem das tuas relações poliamorosas?”. Assim, em relação ao tema aspirações à parentalidade, surgiram questões, de maneira a uma melhor compreensão: do desejo “sentes o desejo da parentalidade?”, “como surgiu esse desejo?”, “quando surgiu esse desejo?”, “quão intenso é esse desejo?”; da intenção “tens intenção de ter filhos?”, “com que frequência pensas em ter filhos?”, “quando pensas em ter filhos no que é que pensas concretamente?”, “já pensaste/planeaste a forma como queres vir a ter filhos?”, “em relação às tuas relações poliamorosas, pensas em ter filhos?”; do ambiente que os rodeia e a visão dos participantes sobre o mesmo em relação à parentalidade “tendo em conta o ambiente que te rodeia, de que forma pensas que este pode ter influência no teu futuro enquanto pai/mãe?”; da altura certa para exercerem a parentalidade “para ti, achas que há uma altura certa para ter filhos?”, “qual é a altura certa?”; as motivações “quão importante para ti é ser pai/mãe?”, “porque sentes que é importante seres pai/mãe?”; os custos e benefícios da parentalidade “que benefícios antecipas em ter filhos?”, “que custos antecipas em ter filhos?”; o balanço entre os custos e benefícios “avaliando os custos e benefícios que antecipas, o que é que prevalece para ti?”; e, por último, o significado da parentalidade “o que significa, para ti, a parentalidade?”. Ainda, ao existir participantes com filhos fez com que se adaptasse algumas das questões do guião de maneira a perceber o processo antes de terem filhos, colocando algumas questões no passado, como por exemplo “antes de ter sido pai/mãe sentia esse desejo da parentalidade?” e “tinha intenção de ter filhos?” e, outras questões diferentes dos restantes participantes, como por exemplo “como imaginava que seria ter filhos e quão diferente tem sido a experiência?”, “imagina-se a ter mais filhos?”, “o facto de ser pai/mãe aumentou ou diminuiu o desejo de ter mais filhos?”, “como pensa que ocorrerá a organização na educação da criança ao existirem várias relações?”.

Procedimentos

Os procedimentos realizados a longo desta investigação ocorreram em várias etapas, tendo sido a primeira a apresentação do projeto de investigação à Comissão de Ética do ISPA-IU que resultou de parecer positivo. Ao nível da recolha da amostra enquanto primeiro contacto com os participantes realizou-se através da *internet*, recorrendo às redes sociais especialmente o *Facebook* de maneira a conseguir alcançar um maior número de pessoas através de vários grupos, entre eles a PolyPortugal e a ILGA Portugal. Na primeira abordagem foram explicados os objetivos da pesquisa e garantidos o direito ao sigilo e anonimato e a opção em não participar no estudo. Aqueles que aceitaram participar acederam ao link do *google forms* enviado numa primeira abordagem de maneira a responderem a algumas informações, dados sociodemográficos e contactos de maneira a compreender se a pessoa correspondia às características pretendidas para o estudo. Assim sendo, foram contactados os indivíduos de maneira a tentar marcar um encontro que seria nas instalações do ISPA-IU ou, noutro local igualmente calmo, neutro e público, determinado em conjunto com o participante, para a realização da entrevista. No total, foram realizadas oito entrevistas, em que duas foram presenciais e seis foram via *Skype*, alguns devido à distância e a maioria devido ao estado restrito de pandemia do COVID-19. Antes do início da entrevista, os participantes foram solicitados a assinar um Consentimento Informado e, posteriormente, realizada a entrevista sobre a aspiração à parentalidade. As entrevistas variaram temporalmente consoante a pessoa e foram ajustadas conforme o diálogo, tendo a entrevista com duração mínima de 31 minutos e a entrevista com duração máxima de 1 hora e 51 minutos, tendo sido a média de tempo de realização das mesmas de 68,2 minutos. Foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Ainda, é de salientar que após a análise dos resultados, as gravações de áudio das entrevistas foram devidamente eliminadas como forma de manter o anonimato e confidencialidade da informação dos participantes.

Plano de Análise

Após a transcrição as entrevistas, as mesmas foram analisadas através do método de análise temática. Segundo Braun e Clarke (2006), a análise temática pretende identificar, organizar e proporcionar-se insights sobre padrões de significados no conjunto de dados obtidos através do conteúdo manifesto dos textos que será recortado e organizado em categorias temáticas. Este método permite identificar o que é comum na

maneira como um tópico é falado e entender as suas diferenças. É de salientar que para a análise e codificação dos dados foi utilizada uma abordagem *bottom-up* e indutiva que, segundo Braun e Clarke (2006), é orientada pelos dados e dos conceitos que surgirão dos mesmos.

A análise temática de Braun e Clarke (2006) consiste em seis fases. Na primeira, denominada por *familiarização com os dados* é importante ler e reler as transcrições das entrevistas e ouvindo o áudio das mesmas, ao mesmo tempo que são feitos apontamentos com comentários pertinentes ao estudo. Na segunda fase, *criar códigos iniciais* inicia-se a análise sistemática dos dados através dos códigos criados. Os códigos podem fornecer resumos concisos de uma parte dos dados ou uma descrição do conteúdo dos mesmos. A passagem de códigos para temas ocorre através da terceira fase da análise *pesquisar temas*, tratando-se de um processo ativo onde se identifica as áreas de semelhança e sobreposição entre os códigos. Seguidamente, a fase quatro “*rever potenciais temas*” onde é necessário haver um processo de verificação de qualidade de maneira a se perceber a importância dos temas em desenvolvimento perante os dados codificados e os dados no geral percebendo a prevalência dos mesmos para que se possa descartar alguns ou recolocar alguns noutra tema, de maneira a que se consiga obter um conjunto distinto e coerente de temas obtidos através dos dados codificados e da revisão dos mesmos, existindo uma releitura final de todos os dados para determinar se os temas capturam significativamente todo o conjunto de dados e aspetos dele pertinentes ao estudo. Ainda, a fase cinco “*definir e nomear temas*” que permite indicar claramente o que é único e específico sobre cada tema, existindo uma maior profundidade em relação aos detalhes, providenciando a estrutura da análise. Por último, a fase seis “*produzindo o relatório*” que corresponde à escrita e análise, de uma maneira convincente e clara onde os temas são apresentados com uma conexão lógica e coesa.



Resultados

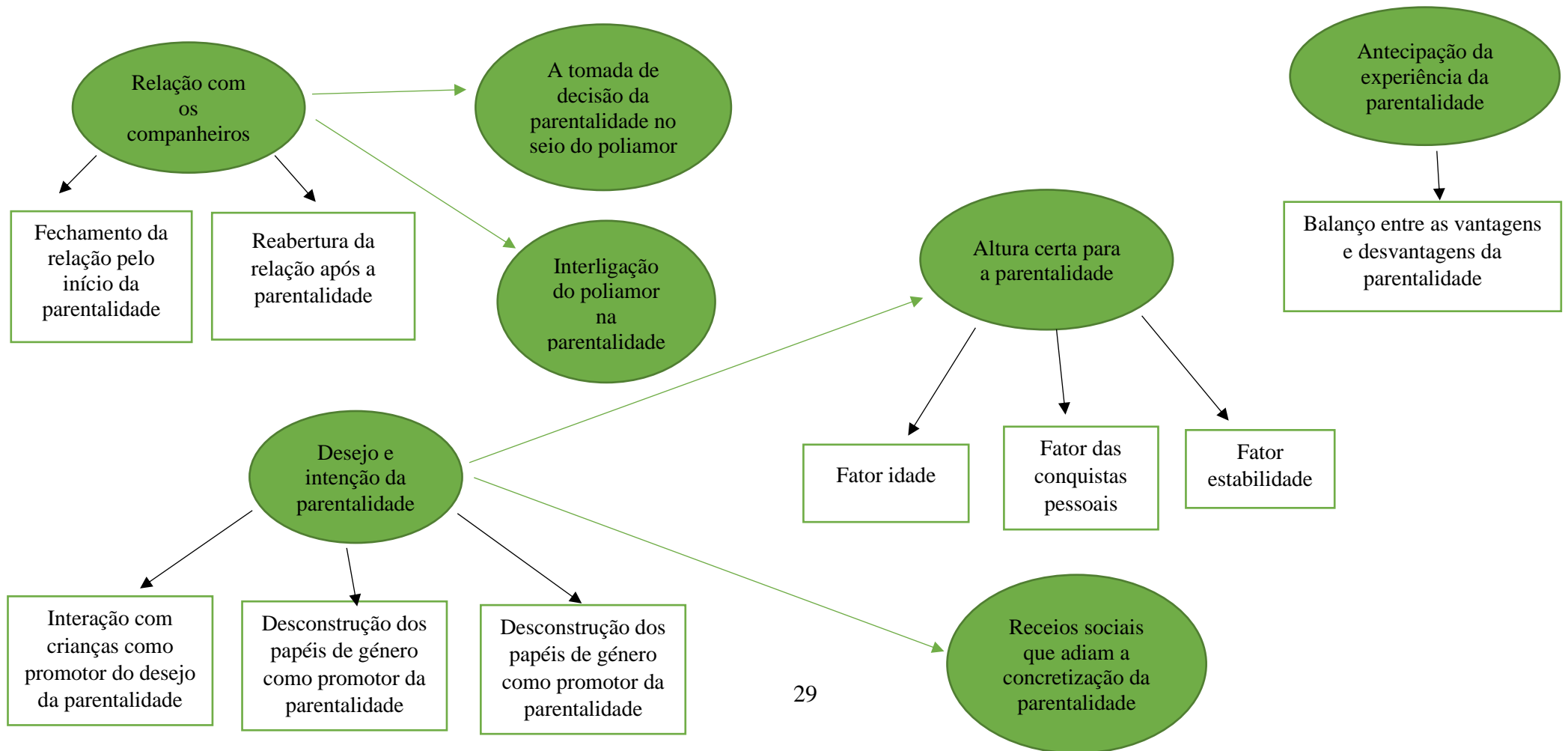
Seguidamente, apresenta-se a descrição do mapa temático dos resultados deste estudo (Figura 1). Este mapa temático é constituído por sete temas principais (relação com os companheiros; a tomada de decisão da parentalidade no seio do poliamor; interligação do poliamor na parentalidade; desejo e intenção da parentalidade; altura certa; receios sociais que adiam a concretização da parentalidade; antecipação da experiência da parentalidade) e, por nove subtemas (fechamento da relação pelo início da parentalidade; reabertura da relação após a parentalidade; interação com crianças como promotor do desejo da parentalidade; desconstrução dos papéis de género como promotor da parentalidade; mudanças de perspetiva sobre a parentalidade; fator idade; fator das conquistas pessoais; fator estabilidade; balanço entre as vantagens e desvantagens da parentalidade).

É de frisar que existem algumas ligações e interligações entre os temas e subtemas. Por exemplo, o tema relação com os parceiros divide-se em dois subtemas (fechamento da relação pelo início da parentalidade e reabertura da relação após a parentalidade) e liga-se a dois temas (a tomada de decisão da parentalidade no seio do poliamor e interligação entre poliamor e parentalidade). O tema desejo e intenção da parentalidade divide-se em três subtemas (interação com crianças como promotora do desejo e intenção da parentalidade, desconstrução dos papéis de género como promotor do desejo e intenção da parentalidade e mudanças de perspetiva sobre a parentalidade) e liga-se a dois temas (altura certa para a parentalidade e receios sociais que adiam a concretização da parentalidade). O tema altura certa para a parentalidade constitui-se por três subtemas (fator idade, fator das conquistas pessoais e fator estabilidade). Por último, o tema antecipação sobre a experiência da parentalidade tem um subtema (balanço entre vantagens e desvantagens da parentalidade).

Figura 1

Mapa temático dos resultados dos participantes.

Legenda:  - temas;  - subtemas.



Relação com os Parceiros

Este tema engloba dois sub-temas: (1) *fechamento da relação pelo início da parentalidade*; e (2) *reabertura da relação após a parentalidade*; que são referentes aos participantes que já tinham filhos antes de participarem no estudo e irão ser explicados de seguida. Relativamente ao tema, refere-se às relações que os participantes (com e sem filhos) mantêm, demonstrando as suas dinâmicas de funcionamento e algumas características das mesmas. São destacadas as relações primárias/centrais dentro dos núcleos poliamorosos, correspondendo a uniões de facto em alguns participantes, havendo um maior investimento e centralidade nestas relações em comparação com as outras:

“só que a nossa relação foi ficando tão profunda e íntima que as outras relações foram-se dissolvendo, as outras relações dele e essa minha relação que era única... se dissolveram... as pessoas terminaram com a gente e terminou a nossa relação e nós ficamos só nós” (Nádia)

Apesar da centralidade evidente, denota-se uma preocupação com a questão da hierarquização por parte de alguns participantes que afirmam querer trabalhar para o contrário da mesma. Ainda, é referida a gestão dos relacionamentos e algumas regras/acordos estabelecidos por alguns dos participantes de maneira a conseguirem conciliar as várias relações existentes:

“então a gente tinha criado 3 regras: uma era para não ficar com... para ninguém criar relação com nenhuma pessoa que estivesse no nosso círculo de amigos, a segunda regra era péssima, tá?! (riu-se) não ficar com a mesma pessoa duas vezes... que não funcionou nunca (riu-se)... e a terceira regra era não trazer a pessoa na casa, na nossa casa, dentro do nosso espaço... basicamente eram essas 3 regras” (Lúcia)

Fechamento da relação pelo início da parentalidade

Sobre o fechamento da relação que ocorreu com alguns dos participantes, foram apresentados alguns fatores associados ao início da parentalidade que estão na base desse fechamento, priorizando as relações centrais face às outras relações existentes. Sendo assim, os motivos que os participantes apresentaram foram relacionados com o início desta nova experiência, mais concretamente: a gravidez, mencionada como conturbada; o nascimento que tornou complicada a gestão de tempo; a falta de disponibilidade que impossibilitava existir espaço para outras relações; o auxílio inicial que o companheiro prestava e que impedia de manter as relações deste; a necessidade de se dedicarem

exclusivamente à criança e à relação por se aperceberem que o que estavam a viver os dois não permitia o restante:

“Um acordo que nós temos hoje é que a gente ficou fechado esse tempo também foi uma decisão por causa do período de amamentação, nós achamos que era melhor dar atenção exclusiva para a H. e para a nossa relação...” (Nádia)

Seguindo este pensamento, de acordo com as palavras de outra participante, observou-se um fechamento natural devido à necessidade de gerir tudo o que envolvia a sua nova experiência - a parentalidade - e as exigências da mesma:

“É, na verdade nós não decidimos ativamente afastar de outras pessoas né... isso aconteceu de uma forma natural porque nós acabamos nos fechando um pouco para conseguir gerir tudo que ‘tava acontecendo porque demandou muita energia nossa” (Márcia)

Para além disso, ainda outra perspectiva foi identificada através da participante Nádia que destacou a questão da liberdade e disponibilidade para outras relações, fazendo uma comparação entre o antes e o pós parentalidade. Pois, apesar de Nádia considerar que existia uma maior liberdade anteriormente para conhecer pessoas e ter outras relações, em comparação com a atualidade em que é mãe, prefere usufruir do seu tempo livre para estar com a criança ao invés de com outras pessoas. Ou seja, sente-se menos disponível para uma nova relação atualmente, o que contribui para manter o fechamento:

“então, por exemplo, teve um dia que eu ia sair com essa pessoa mas eu não ‘tava muito a fim de ir, sabe... que eu queria ficar com ela ou quando pensava assim “posha essa semana quase não fiquei com ela e vou usar esse tempo com outra pessoa” (...) então é aquela responsabilidade... eu tenho a liberdade, eu posso usar... mas eu prefiro não usar, por consciência de que não é o melhor...” (Nádia)

Reabertura da relação após a parentalidade

Por parte de alguns participantes com filhos existe uma reabertura atual da relação ou um pensamento de que querem abri-la brevemente. Pois o fechamento ocorreu devido ao início da experiência da parentalidade. Sendo que, foi referido por uma participante que não deixou de ser poliamorosa, existindo vontade de voltar a ter relacionamentos mas de uma forma mais espontânea, sem que exista uma busca ativa para tal, uma vez que agora existe a criança “a gente continua aberto a outras pessoas que aparecerem né... mas assim tudo de uma forma muito mais espontânea... se aparecer...” (Márcia).

Sendo assim, estes indivíduos poliamorosos apesar de terem várias relações simultaneamente, tinham uma relação central relativamente às restantes. Assim, esta

centralidade potenciou o fechamento da relação em casal quando decidiram exercer a parentalidade com o respetivo parceiro/a. Ainda, é de salientar que os condicionantes que englobam toda a experiência da parentalidade, as exigências e vulnerabilidades da mesma estiveram na base deste fechamento, impossibilitando que houvesse espaço para as várias relações destes participantes. O que leva a que, após o nascimento dos filhos, os participantes pensem em voltar a ter várias relações simultaneamente e queiram arranjar soluções para uma interligação entre a parentalidade e o poliamor.

A tomada de Decisão da Parentalidade no Seio do Poliamor

Neste tema observou-se a gestão da decisão de ter filhos ao existirem várias relações simultaneamente, alguns motivos e fatores que contribuíram para essa mesma decisão. Este tema relaciona-se com o tema anterior *relação com os parceiros*, porque é devido ao tipo de relação estabelecido e à perceção de como ambicionam a parentalidade de acordo com a pessoa, que surge a tomada de decisão para enfrentarem a parentalidade em conjunto.

Neste sentido, um aspeto apresentado por uma participante foi a existência de um projeto em comum entre ela e o seu marido, apenas entre os dois, o que fez com que os restantes relacionamentos tivessem uma participação mais distante, sendo-lhes apenas comunicada a sua vontade e posteriormente a decisão:

“mas assim não teve, não teve um peso, assim as pessoas não tiveram uma participação de decisão em ter ou não ter o filho porque isso foi acordado entre eu e o meu companheiro já há mais tempo. Então é um projeto nosso, né assim... as outras pessoas participam de uma forma indireta, mas esse projeto é meu e dele, a gente compartilha né... fala sobre isso” (Márcia)

Esta participante também mencionou que o projeto não aconteceu com outros dos seus parceiros por não ter surgido o assunto, alguns já serem pais e outros não terem vontade da parentalidade.

Outro assunto mencionado por duas participantes foi a perceção de visualizarem as capacidades dos parceiros para a experiência da parentalidade “acho que até foi um dos motivos de ter escolhido ter filho com essa pessoa, acho que essa pessoa é capaz de...(...) ser pai, mesmo... (...)” (Nádia). Mencionam aspetos dos companheiros, como a inspiração, a partilha de tarefas, a dedicação, a responsabilidade e o estado de relação que mantinham, que fizeram com que os escolhessem para exercerem a parentalidade com eles e não com outros companheiros:

“mas nesse momento esse projeto de ter filhos foi pensado com o meu atual companheiro, porque principalmente, eu acho, pela questão da responsabilidade porque a gente já se conhece... eu sei que ele é uma pessoa que vai-se dedicar à paternidade e que vai ‘tar presente né... então esse projeto foi feito com ele, tipo eu sempre tive vontade de ter filhos com ele, com outras pessoas eu nunca pensei em ter.” (Márcia)

Por último, outro aspecto a ter em conta foi o sítio onde estava a viver, mencionado por Nádia, como algo que também teve influência nesta decisão mencionando que se fosse em Portugal havia uma grande probabilidade de interromper a gravidez, por estar a adaptar-se, sem a presença e apoio da família e amigos:

“Eu acho que tanto lá como aqui, acho que aqui eu talvez eu interrompesse não por ser poliamorosa mas pela ausência de apoio, é assim já muito complexo se adaptar a um outro clima, a outra temperatura, a outra cultura, a outra forma né... de estar no mundo e a distância dos avós, de pessoas...” (Nádia)

Em suma, numa situação de relações poliamorosas aquilo que estes participantes tiveram em conta para tomarem a decisão da parentalidade foi: terem o mesmo projeto da parentalidade com um parceiro, terem parceiros que já tinham exercido a parentalidade ou não demonstrarem desejo para tal excluindo-os desta situação e, ainda, a perceção das capacidades dos parceiros para esta experiência de acordo com aquilo que idealizaram.

Interligação entre Poliamor e Parentalidade

Este tema refere-se às ideias e opiniões dos participantes sobre a integração das várias relações atuais e/ou futuras com a parentalidade, as várias dinâmicas que poderão haver entre todos e alguns dos benefícios que poderão surgir. Todos os participantes percebem existir benefícios resultantes da interação e presença das várias relações na vida dos seus filhos. A existência de uma rede de apoio foi um dos benefícios referido por alguns participantes como a possibilidade de existirem mais pessoas a exercer funções normalmente atribuídas à família, permitindo mais apoio emocional e logístico, mais referências e suporte, promovendo uma criação mais coletiva das crianças e, assim, aliviando a experiência de cuidado parental de todos:

“quando você estabelece uma rede de relações, uma rede afetiva você consegue ter uma rede de apoio maior e isso acho que favorece muito a maternidade... então mesmo agora, por exemplo, eu não tendo outras relações a nível sexual com outras pessoas, eu tenho uma rede de apoio de amigos que pensam da mesma forma e que ‘tão à nossa volta e que oferecem ajuda e que tão

disponíveis... então acaba que isso abre um pouco mais a cabeça do que a manutenção daquele modelo de família nuclear né, o pai, a mãe e o filho, então isso acaba auxiliando um pouco na maternidade, no exercício da maternidade, acaba que ameniza um pouco isso.” (Márcia)

Assim sendo, alguns participantes demonstram desejo de querer que os seus parceiros tenham uma participação na parentalidade e um contacto próximo com a criança, no seu processo de criação e educação. No entanto, há uma participante (Nádia) que já é mãe que demonstra esta mesma vontade apesar de querer que, inicialmente, haja uma separação das várias relações do casal com a educação da criança. Ainda, um participante (Jorge) demonstrou uma perspectiva de querer dar a liberdade à criança para aceitar ou não a autoridade de outro adulto, fazendo com que a interação das várias relações com a criança seja algo consentido por todos.

Para além dos benefícios, também é mencionado por uma participante, a preocupação com toda a logística de filhos no seio das relações poliamorosas por considerar ser algo complicado de gerir ao existir uma mulher grávida ou um bebé recém-nascido e os companheiros terem vários relacionamentos simultaneamente “mas que é muito delicado... acho que se ele tivesse nessas outras relações, o nível de atenção que uma grávida gestante e que uma criança precisa e depois duas crianças né...” (Nádia).

Outro assunto que surgiu através do participante Fábio foi a importância das referências parentais para as crianças. Devido às suas vivências familiares, considera fundamental haver alguém com o papel de referência no seio das várias relações que possam existir:

“L - Ou seja, é importante que a criança saiba quem é seu pai e quem é sua mãe mas ao mesmo tempo você tá aberto a compartilhar dessa paternidade com as suas relações fora da tela.

F - Isso sim, compartilhar sim mas ter alguém de referência para mim é crucial, dentro da minha história isso é totalmente crucial.” (Lúcia e Fábio)

Ao mesmo tempo que afirma não se importar de compartilhar a parentalidade e de demonstrar a importância da criança crescer em comunidade, considera que ser o principal responsável pela criança traz-lhe segurança em relação ao desenvolvimento e crescimento da mesma:

“É quando eu digo assim exclusivo é lógico que eu entendo a importância da criança, por exemplo, ser acolhida dentro de uma comunidade, não é, ou seja, pensar que a minha criança ela pode-se sentir segura, pode-se sentir acolhida e

se eu faltar tem uma comunidade que está ali e que dará suporte para ela, então... mas ao mesmo tempo que eu entendo esse valor da comunidade (...) mas de saber que eu sou o responsável maior por essa criança também me faz sentir um pouco mais confortável e seguro dentro da criação e do desenvolvimento dessa criança.” (Fábio)

Outros aspetos que foram identificados pelos participantes foram ao nível financeiro, da forma de parentalidade e das perspetivas que desejam que aconteça. Em relação à questão financeira surge como sendo algo importante por permitir mais recursos de apoio que possibilitam uma melhor gestão das várias relações. Para além disso, surge uma outra forma de parentalidade, isto é, a hipótese de filhos não gerados biologicamente pelos próprios, uma vez que estão envolvidas mais relações, podendo outra pessoa gerar a criança. Demonstram querer manter os relacionamentos atuais após exercerem a parentalidade. Ainda, alguns participantes demonstram não querer que o surgimento de uma gravidez e/ou de crianças seja promotor de um fechamento de relações ou de terminar relacionamentos existentes. A coabitação conjunta foi referida por alguns participantes como um ideal de vida numa perspetiva de que resultaria numa melhor gestão de filhos de relações diferentes, com a consciência que é algo que dependeria da relação entre todas as intervenientes:

“E assim... Que é uma coisa que eu sempre imaginei... assim, dentro do poliamor que “ah tipo ninguém vai querer namorar comigo grávida” pensei né... mas assim a gente dentro deste conceito que eu ‘tou atualmente é uma coisa que eu vejo possibilidade real assim, sabe? Isso acontecer... então acho interessante também essa dinâmica assim (...) não seria um impedimento...” (Susana)

Surge assim, uma perspetiva diferente entre a expectativa e a realidade entre aquilo que os participantes sem filhos idealizam acontecer e a realidade do que aconteceu com os participantes com filhos. Por isso, este tema associa-se ao *tema relação com os parceiros*. Ou seja, ao imaginarem-se com filhos no seio das suas relações, os indivíduos idealizam não fecharem nem terminarem relações, haver uma ligação das atuais ou futuras relações e os seus filhos e, até uma coabitação de todos. No entanto, a realidade do que aconteceu com os participantes que exercem a parentalidade foi um fechamento da relação relativamente às suas restantes relações e um término das mesmas, existindo assim, uma dedicação à relação central com a qual partilham a experiência da parentalidade.

Desejo e Intenção da Parentalidade

Este tema é constituído por dois subtemas, sendo estes: (1) *interação com crianças como promotora do desejo e intenção da parentalidade*; (2) *desconstrução dos papéis de género como promotor do desejo e intenção da parentalidade*; (3) *mudanças de perspectiva sobre a parentalidade*.

Todos os participantes deste estudo demonstraram desejo de terem filhos, uns com mais intensidade do que outros. Poucos demonstraram intenção. Ainda, três dos participantes têm filhos mas apresentaram a sua perspectiva do desejo anterior a terem filhos e desejo futuro de voltarem a ter filhos.

Pode-se observar que os participantes demonstram desejo da parentalidade através de certos aspetos, como: pensarem ocasionalmente sobre a parentalidade; pensarem sobre o futuro dos filhos e a educação dos mesmos; considerarem que ter filhos era algo que gostariam. No entanto, alguns participantes sentem um reduzido desejo da parentalidade sem descartar a hipótese futura. Para estes participantes, não é um assunto em que pensem e reflitam muito, surgindo-lhes a ideia pontualmente. Ao pensarem sobre a possibilidade de não terem filhos, existe uma visão de uma maior liberdade, um bem estar económico e algo que lidariam com tranquilidade:

“foi um casal que conheci... onde tive a viver durante uns meses... eles não têm filhos... já têm 60s, já ‘tão na casa dos 60s mas não têm filhos e eles... pronto eles vivem na Suíça, são suíços... e na Suíça claro que se ganha bastante bem e então eles têm uma vida assim algo mais... não são ricos mas pronto não... vivem bem digamos... hm... portanto aquilo... aquilo também quase que me influenciou nessa visão que... ok se não tiver filhos tenho mais dinheiro para outras coisas... não necessariamente para uma boa casa, o que for... mas pronto, tenho mais dinheiro se calhar também para viajar e tudo o mais, teria mais liberdade e mais disponibilidade financeira para viajar, sim... acho que isso seria a vida sem filhos...” (Tânia)

Nestes participantes existem sentimentos ambivalentes em relação à parentalidade e, por terem um desejo reduzido não demonstram intenção para tal:

“o desejo existe mas não existe nenhum plano, nem nenhum... não está escrito na pedra que tem que ser, não... existe o desejo mas se for um desejo nunca concretizado eu acho que não vou ser mais infeliz por isso ou menos feliz por isso, acho que não...” (Jorge)

Pelo contrário, em relação à intenção, existem poucos participantes que para além de terem desejo também demonstram uma perspectiva de quererem alcançar efetivamente a parentalidade, identificando-se alguns aspetos que o comprovam, tais como: a frequência recorrente com que pensam em ter filhos; pensarem sobre os processos de evolução e crescimento da criança; existir um desejo muito intenso e cada vez mais recorrente; não considerarem existir limitadores para não exercerem a parentalidade; demonstrarem-se preparados para lidar com as adversidades da experiência da parentalidade; pensarem e planearem sobre as formas de parentalidade; pensarem na possibilidade de adoção caso não seja possível biologicamente; não se imaginarem sem filhos:

“Eu acho que eu gostaria de ter, entendeu, de ter essa experiência mas tendo como optar... se não tiver como... ter filhos de jeito nenhum, nem adotar e tal... aí eu vou ter que pensar né, tudo bem... então é isso, eu vou ter que ver como é que vai ser a vida assim... mas a princípio, de um jeito ou de outro eu penso em ter filhos...” (Susana)

No seguimento destes pensamentos e com aspetos em comum em relação à intenção, ainda é de salientar que Fábio demonstra sentir que nasceu para a experiência da parentalidade “Para mim é sempre intenso, acho que eu ‘tou apto para ser pai em qualquer momento (riu-se)” (Fábio).

Em relação aos participantes com filhos, demonstram que antes de exercerem a parentalidade dois deles não tinham desejo nem intenção de terem filhos e apenas uma participante sempre quis ser mãe, apesar de todos terem demonstrado ambivalência ao nível do desejo ao longo do tempo. Estes participantes demonstraram pensamentos, antes da parentalidade, semelhantes aos participantes sem filhos, tais como: nunca terem falado com outros parceiros sobre a parentalidade; não quererem ter filhos e terem o pensamento de que seriam felizes caso tenham ou não, nem que iriam sentir um vazio; referirem o tempo livre que poderiam ter caso não tivessem filhos. Para além disso, o participante Diogo afirmava que nunca iria ser pai e questionava-se sobre a razão para as pessoas terem um ou vários filhos, dando bastante importância à sua liberdade. Sobre a questão de exercerem a parentalidade novamente, estes participantes demonstraram opiniões diferentes, sendo que dois deles afirmaram terem desejo de mais um filho e uma participante não apresentar o mesmo desejo.

Interação com crianças como promotora do desejo e intenção da parentalidade

Este subtema surgiu das conversas com os participantes em relação ao *desejo e intenção da parentalidade*, tendo sido um assunto referido por metade dos participantes. Assim sendo, manifestaram haver um aumento do desejo de parentalidade através da interação com crianças ou visualização de pais com crianças, como sendo algo habitual “Normalmente, normalmente quando vejo pessoas com crianças dá-me assim o vaipe... (riu-se) mas pronto...” (Duda) ou como afirma outro participante “mas o desejo surgiu principalmente do meu contacto com crianças, ou seja, sempre que estou e consigo interagir com crianças, eu sinto vontade de ser pai de crianças.” (Jorge).

A recorrência em ter crianças por perto e a cuidar delas é algo que acaba por ter impacto na vida destes participantes. Como acontece com Fábio, que ao longo da sua vida participou e contribuiu para o desenvolvimento e crescimento de crianças da família, o que acabou por potenciar um desejo da parentalidade:

“E tem também histórico do cuidado... né tipo dentro da minha biografia a questão do cuidado ela sempre foi mais operante eu acho, mais significativa. Eu sou o filho mais velho, o neto mais velho, então... Eu ajudei as minhas tias a cuidarem das crianças, eu ajudava as crianças a aprender a andar, aprender a andar de bicicleta, então sempre tive muito presente. Tive a oportunidade também de cuidar dos meus sobrinhos enquanto a minha irmã trabalhava” (Fábio)

O facto de se relacionarem com companheiras/os com filhos também é algo que contribui para que haja, inevitavelmente, uma interação mais recorrente com crianças. Esta interação é referida pelos participantes como uma experiência que contribuiu para emergirem vontades, aptidões, instintos, questionamentos e reflexões sobre a parentalidade:

“quando vou visitar essa minha parceira mais antiga e os filhos dela estão lá, nós acabamos por estar a cuidar de pelo menos uma criança porque ela divide a guarda dos filhos com o pai e com os avós e a maior parte do tempo nós estamos a cuidar de uma das crianças enquanto a outra está com algum deles. Isto na minha presença, na minha ausência ela cuida dos dois na maior parte do tempo mas nesse momento surge sim o meu contacto maior com crianças pelo menos atualmente e surge essa vontade, esse gosto em partilhar essa vida familiar, pelo menos com ela.” (Jorge)

Desconstrução dos papéis de gênero como promotor do desejo e intenção da parentalidade

Do tema principal *desejo e intenção da parentalidade* também surge este assunto por parte de alguns participantes. Por um lado, abordaram uma perspectiva geral associada à sociedade. Por outro, uma perspectiva particular em relação à parentalidade e ao impacto que poderá ter na atitude para com a mesma, mais concretamente, na forma promotora do desejo e intenção da parentalidade.

Alguns participantes relatam a percepção que na sociedade existe uma diferença na educação com base das diferenças de géneros, existindo benefícios para os homens em comparação com as mulheres “eu diria que, pronto, acaba por ser um bocado um privilégio masculino de educar homens, passa muito pela liberdade, educar mulheres passa muito por regras e restrições, infelizmente a nossa cultura e a nossa sociedade funciona muito assim...” (Jorge). Ainda, a participante Márcia afirma não sentir que exista uma grande preparação na sociedade referente ao apoio às mães considerando-a “patriarcal e não matriarcal”, não existindo tantas ajudas e cuidados. Sendo que Nádia considera que o poliamor veio beneficiar as mulheres em relação aos homens “eu acho que o poliamor ele vem para as mulheres, para elas terem acesso a essa mesma liberdade, sabe?” (Nádia).

Particularizando, na situação do participante Fábio, este apercebeu-se que queria exercer o papel de mãe - cuidador -, referindo-se a pai e mãe como figuras parentais e não em relação ao masculino e feminino:

“Tem uma coisa interessante que é o seguinte, teve um momento que o Fábio chegou para mim e falou assim “Lu, eu sempre falo para você que eu quero ser pai mas eu descobri uma coisa, eu descobri que na verdade eu quero ser mãe” e quando ele falou isso fez muito sentido para mim e me trouxe muito mais, aumentou para mim a possibilidade de entender que... porque é assim a gente... ele estudou psicologia, já leu bastante sobre essa questão dos papéis sociais então, por exemplo, às vezes uma pessoa ela faz o papel da mãe independente se ela é a mãe, às vezes é a avó, às vezes é uma tia ou às vezes é um pai que assume o papel da maternidade né, no sentido de ser aquela pessoa que vai dar o acolhimento...” (Lúcia e Fábio)

Esta percepção de que poderia desconstruir os conceitos formados e inculcados pela sociedade que, para Fábio, não faziam sentido ao visualizar a parentalidade, foi bastante benéfico para o casal. Este participante também demonstra que teve um papel de ajuda

nos cuidados e aprendizagens das várias crianças que o rodeavam, ao ser o filho mais velho e ter sobrinhos. Assim, esta visão desconstruída dos papéis da parentalidade foi algo que, para a companheira Lúcia, potenciou uma melhor aceitação da parentalidade e que se identificasse com o papel de pai inculcido pela sociedade como a figura não tão presente, pois podia dar continuidade aos seus projetos e atividades:

“e eu me vejo muito mais... pode ser óbvio que isso mude né, com a gestação, com parir, com ter uma criança comigo, tudo isso pode ser que mude... mas a princípio eu me vejo mais como um pai né, aquela coisa que... de quem vai para a vida, continuar fazendo as suas histórias enquanto a mãe tá com a criança e tal... então quando ele falou que ele queria ser mãe eu falei “ah agora que cê tá falando que quer ser mãe pode ser que eu tope engravidar... porque eu precisava saber que eu ia poder ter espaço, mesmo que seja daqui a 2 anos ou uma coisa assim, depois de amamentar e tudo mais, que eu teria espaço para continuar cuidando dos meus projetos sabendo que ele assumia esse papel.” (Lúcia)

Mudanças de perspectiva sobre a parentalidade

Este subtema que surge através do tema o *desejo e intenção da parentalidade*, é um assunto abordado por metade dos participantes que demonstraram que alteraram a sua visão e desejo da parentalidade devido a alguns acontecimentos que surgiram ao longo das suas vidas.

Houve duas participantes que demonstraram ideias semelhantes nos seus trajetos de vida que despoletaram as mudanças de perspectiva. Como por exemplo, as ideias inculcadas pela sociedade ao longo do crescimento e desenvolvimento dos indivíduos. Ideias essas tidas em conta como sendo as normativas que deverão ser guiadas e replicadas. Assim, é considerado por algumas participantes que, inicialmente, o seu desejo da parentalidade era baseado naquilo que era considerado o suposto através de uma estimulação da sociedade. Tal como referiu a participante Nádia que, ao longo da vida das mulheres, estas são moldadas pelo sistema em relação à maternidade e a uma validação das mesmas, como um sucesso a atingir de obrigação e conquista, ainda pela convivência durante a infância com referências femininas e, também no caso desta participante, também pela família ser bastante religiosa tendo a religião bastante influência nas mulheres:

“Eu acredito que nós, mulheres, somos treinadas para a maternidade a vida inteira, desde... a minha filha, antes dela ter 2 anos já tinha bonequinhas, já... não fui eu que dei... carrinho de bebé para empurrar e a gente vê na rua... eu não vejo meninos empurrando carrinho de bebé nem com bonequinha no colo

brincando... ela quer trocar fralda, quer passar pomada na boneca. É porque ela recebe esses cuidados e a criança reproduz mas os meninos não, os meninos não têm esse comportamento... então existe uma espécie de validação, você só é uma mulher a partir do momento em que você experimenta a maternidade... é sinônimo de sucesso, é status de existência ter filho, principalmente para o feminino, quer dizer... é, acho que mais para o feminino” (Nádia)

Nesta sequência de pensamentos, Márcia questionou-se em relação ao desejo da parentalidade como algo que realmente desejava ou se era algo incutido pela sociedade como o suposto a realizar-se:

“então comecei a questionar um pouco isso né, se eu queria mesmo ou se não era simplesmente o script da sociedade né que a sociedade espera que a gente faça né que é namorar, casar, ter filhos, ou se era realmente uma vontade genuína...” (Márcia)

Para além disso, a iniciação ao poliamor é outro trajeto da vida que é importante salientar que teve a contribuição para a mudança de perspectiva. As participantes Nádia e Márcia assemelham-se na forma como deixaram de desejar a parentalidade, tendo a experiência do poliamor contribuído para tal. No caso de Nádia, através da sua experiência de vida e das novas vivências, inclusive a entrada na faculdade e o seu interesse pelo conhecimento, a relação dos pais e as histórias amorosas que tinha conhecimento também contribuíram para a mudança de perspectiva, mas a experiência de poliamor teve bastante impacto para passar a não querer ter filhos. O que vai de encontro com Márcia que afirma ter experienciado alguma ambivalência ao nível do desejo de parentalidade por pensar mais sobre a parentalidade antes de se envolver em relações poliamorosas e, que, depois ocorreu uma fase de preocupação com outras coisas onde a prioridade não era a parentalidade “Teve uma fase até anterior à minha vida não-monogâmica, à minha escolha relacional, que eu pensava um pouco mais nisso aí depois eu tava mais preocupada com outras coisas, depois voltou essa vontade” (Márcia).

Ainda, o estado da relação é mencionado pela maioria dos participantes como o motivo principal de mudança de perspectiva e abertura à possibilidade de exercer a parentalidade:

“e eu acho que isso surgiu porque como nós conhecemos (...) nós já compartilhávamos do conceito da liberdade, não-monogamia com consentimento, etc etc e nós tínhamos uma história do passado muito parecida também... eu cresci num ambiente muito religioso (...) ela tem uma família parecida... tivemos uma

conexão muito forte... foi tão forte como nada aconteceu na minha vida... tão forte que nos fez dar esse próximo passo... hm... e nós estamos muito muito muito satisfeitos... e mortos de cansaço também (riu-se)” (Diogo)

Por último, é apresentada uma situação particular por uma participante referente ao seu ponto de vista quanto ao seu desejo e intenção de ter filhos antes da sua transição de género. Antes deste processo considerava a parentalidade importante para si e tinha intenção de ter filhos, tendo tido relações onde o assunto era algo a considerar. Demonstra que queria a parentalidade por estar a viver uma relação e um estilo de vida dentro dos padrões normativos, por ter acabado a faculdade e ainda ser bastante jovem. Também realizou a criopreservação de gâmetas com o intuito de poder vir a ter filhos biologicamente tendo, assim, a ideia da parentalidade futura. Sendo que, após a transição de género houve uma mudança na perspetiva da parentalidade existindo uma ambivalência quanto ao seu desejo de ter filhos:

“já houve pessoas... gostava de pessoas... que na altura a pessoa com quem eu falei em relação a ter filhos era uma pessoa que pensava muito no assunto e isso foi... ainda foi, lá está, antes eu me ter assumido como mulher trans e aí, lá está, uma pessoa que eu dizia nessa altura tipo não, contigo eu quero ter filhos (...) mas o meu projeto de vida na altura era totalmente diferente... lá está, na altura era nova, tipo... ok, a gente acaba a universidade pronto, tem uma vida mais normativa” (Duda)

Em suma, estes participantes demonstram que ao depararem-se com certos eventos, situações ou pessoas pode fazer com que excluam ou promovam a vontade de terem filhos. Ainda que, a sociedade tem uma grande influência nesta promoção, principalmente nas mulheres por estar implícito que têm que ser mães. Assim, há momentos de transição ao longo da vida que põem em causa e em questão aquilo que desejavam ou que passarão a desejar.

Altura Certa para a Parentalidade

Os participantes descreveram como percecionam qual será a altura certa para terem filhos e os fatores que envolvem a mesma. Aqueles que têm filhos apresentam uma perspetiva pós-parentalidade descrevendo como ocorreu a sua altura da parentalidade, o que a envolveu e a opinião atual sobre a mesma. Aqueles que não têm filhos, demonstram a sua perspetiva sobre a altura que antecipam ser, para eles, a certa e tudo aquilo que a engloba. Deste assunto resultaram várias perspetivas, tendo surgido 3 subtemas: (1) *fator idade*; (2) *fator das conquistas pessoais*; (3) *fator estabilidade*.

No entanto, metade dos participantes afirmaram não existir uma altura certa para ter filhos. Consideram existir alguns fatores que a englobam e demonstram a importância destes. Contudo, acreditam que os aspectos não definem a altura certa, aquilo que a define é o surgimento de um momento em que ocorre uma decisão que põem em prática, não procurando um momento ideal:

“Eu acho que a altura certa é aquela quando tu... as coisas vêm de dentro e quando te dizem que sim que deves ter, seja quando tens menos idade ou com mais idade, acho que não há uma idade certa para ter crianças (...) acho que é quando dás aquele impulso que sim é desta vez, é agora, acho que é por aí...”
(Duda)

Fator idade

Alguns participantes consideraram o fator idade como tendo bastante importância para a altura de terem filhos. Márcia, tem um filho e menciona que a idade foi um dos aspectos que fizeram com que considerasse a altura em que foi mãe como a sua altura certa para esta experiência, uma vez que se aproximava dos 30 anos, altura que idealizava anteriormente. Também pela idade do seu companheiro que era mais velho que ela e, tal como Márcia, lhe preocupar o ativo acompanhamento no desenvolvimento e crescimento da criança:

“eu só planejava ter mais ou menos por volta dos 30 anos que acho que é uma idade que eu posso acompanhar o desenvolvimento dele de uma forma legal que eu tenho uma condição física mais favorável também porque realmente dá muita dor nas costas ter filhos (riu-se) acaba que é cansativo, a gente fica desgastado fisicamente, então é só nesse sentido...” (Márcia)

Os participantes que ainda não têm filhos consideram a idade um aspeto com bastante importância mas existindo perspetivas diferentes em relação à mesma. No caso de Susana, a idade é um aspeto com bastante importância, pois apesar de se demonstrar bastante flexível com a altura, considera a idade o seu único limitador, fazendo com que queira a parentalidade brevemente:

“é também tem a questão da idade né, eu ‘tou com 36, vou fazer 37 então não queria ter filhos tão mais velha... então acho que isso talvez me... isso também passa pela minha cabeça assim como uma coisa que sabe, vai ter que acontecer assim mais perto que longe, entendeu?” (Susana)

Pelo contrário, o participante Jorge demonstra que com a idade que tem atualmente não é a altura certa para a parentalidade e, por isso, não lhe permite avançar

com a mesma “no entanto, dada a minha vida atualmente eu ainda me sinto demasiado novo e demasiado egoísta e inexperiente para avançar com essa ideia” (Jorge). O que se pode deduzir que a altura certa para Jorge será quando atingir mais maturidade, um menor egoísmo e mais experiência ao longo das suas vivências com o aumento da idade.

Em suma, observa-se dois aspetos a ter em conta sobre o facto da idade ser um aspeto considerado diferente de acordo com cada participante. Por um lado, os participantes apresentam idades diferentes, sendo uns mais novos que outros. Por outro, existem diferenças de sexo, sendo a amostra constituída por homens e mulheres. Em relação a este aspeto, note-se que os homens podem ter filhos até muito mais tarde do que as mulheres. Ainda, participantes com mais idade começam a ter a necessidade de apressar a parentalidade por se aproximarem da idade idealizada, pela idade dos companheiros e, no caso das mulheres, de uma idade que lhes permita uma gravidez sem ser de risco. Concluindo, para alguns participantes a idade pode ser um potenciador para apressar a parentalidade, para outros, equivale a adiá-la.

Fator das conquistas pessoais

Alguns participantes partilham da opinião de que a altura certa está associada às suas conquistas prévias à parentalidade, nomeadamente realizações pessoais e objetivos que ambicionam. Sendo que, é referido por Nádia que a conquista das realizações permite uma maior tranquilidade na experiência da parentalidade “acho que todas as realizações, quanto mais... todas as realizações possíveis, quanto mais realizado você for mais tranquilo você fica nesse exercício de maternidade”. Ainda no caso desta participante, sente que lhe faltaram algumas realizações pessoais que a iriam despreocupar um pouco mais e, por isso, o momento em que teve a filha não o considera ter sido a altura certa para ter filhos “eu preferia que ela viesse depois do mestrado, pelo menos né... aí já ‘tava trabalhando na minha área... acho que seria melhor.” apercebendo-se da sua “posição de privilégio” devido à existência de recursos, principalmente de pessoas que a ajudaram e facilitaram o facto de estar a fazer a faculdade e ter a bebé recém nascida.

Do ponto de vista de quem ainda não tem filhos, alguns participantes sentem uma necessidade de conquistar os seus objetivos antes da parentalidade e demonstram não estar predispostos para ter filhos por estarem dedicados a outras realizações. No caso de Tânia, de maneira a não culpabilizar a criança nem senti-la como um obstáculo caso não se concretizem os seus objetivos:

“De não ter feito... Ou seja, é uma desculpa claro mas acontece e eu não quero isso... então quero primeiro atingir os meus objetivos... claro que não vou atingir todos, claro... mas atingir os meus... assim os objetivos mais próximos e aqueles com os quais posso trabalhar depois até mesmo depois de ter filhos... hm... antes de ter filhos...”. (Tânia)

Ao encontro deste pensamento, a participante Lúcia percebe que a não realização daquilo que ambiciona, como uma conquista individual, antes da parentalidade poderá trazer-lhe uma enorme frustração:

“então quer dizer para mim seria muito frustrante abortar todos esses planos de repente porque fiquei mãe, engravidei ou porque qualquer coisa assim então eu preciso ver até onde eu vou chegar com isso mesmo que seja para passar de repente mais um ano e falar “ai tá bom, cansei de brincar de ser artista, chega, vamos pensar noutra coisa então” mas enquanto eu não sentir que eu dei espaço para isso suficiente isso seria muito ruim para mim”. (Lúcia)

Pelo contrário, Fábio, demonstra já ter aproveitado bastante das suas realizações, sem impedimento de crianças e que, agora, se sente mais despreocupado afirmando que é a altura certa:

“Até porque eu acho que também aproveitei bastante já da vida, aliás tem muito que aproveitar mas eu pude aproveitar bastante, fiz muita coisa, não teve nenhum filho que me impediu de fazer tantas coisas que eu já fiz então eu acho que agora seria o momento certo, o momento certo para pensar nisso, agora eu tou mais sossegado, talvez...” (Fábio)

Fator estabilidade

A estabilidade é um aspeto apresentado por alguns participantes como bastante importante. Consideram que quanto maior for a estabilidade existente, mais facilidade terão ao longo da parentalidade. Associados à estabilidade, os participantes referiram-se a vários níveis, tais como: emocional, relacional, do trabalho e da habitação.

Alguns participantes consideram que o contexto da vida profissional e dos respetivos recursos financeiros é bastante importante e necessário para a tomada de decisão da parentalidade e o decorrer da mesma, mencionando a importância do dinheiro de maneira a permitir certas realizações:

“Altura certa para ter filhos... Ah, eu acho que altura certa é quando você tá muito bem sucedido profissionalmente... (...) Acho que você tem que ter muito dinheiro, muito dinheiro para comprar tempo mesmo né... para facilitar as coisas e ter essas realizações... é uma realização pessoal, uma realização profissional...” (Nádia)

No seguimento deste fator financeiro, surge a perspetiva de Jorge em relação à estabilidade da habitação e respetivas rendas, como sendo algo importante, que associa a falta e/ou dificuldades da mesma como um potenciador de stress para futuras crianças e, assim, algo necessário a estabilizar para facilitador da parentalidade:

“eu diria que quanto mais estável ou mais folgada for a minha vida e das pessoas com quem eu estou mais fácil se torna ser pai porque há menos problemas que podem vir de forma aleatória se os nossos senhorios quisessem subir a renda e que eu não conseguir parar vou ter que andar à procura de uma casa nova e isso vai acarretar mais stress para a minha vida e também para a criança em si. Tendo eu a minha casa as decisões são minhas, enquanto eu continuar a pagar o empréstimo ao banco ta tudo bem e é a única coisa que eu tenho que me preocupar é isso, de resto os assuntos que surgirem da casa sou eu ou as pessoas que morarem cá que tratam e esperemos que isso seja uma coisa boa.” (Jorge)

A estabilidade emocional é apresentada como um fator importante para uma participante que passou por um processo de transição de género e necessita de estabilizar em relação ao mesmo. Sendo que, enquanto estiver neste processo de transição não considera uma altura indicada para pensar sobre a parentalidade, estando atualmente focada noutros aspetos pessoais.

A estabilidade relacional apresenta-se importante para alguns participantes que consideram necessário que haja intimidade suficiente, segurança e confiança na relação. O participante Jorge frisa a importância da relação de maneira a não prejudicar as crianças estabelecendo algo pré-definido para evitar discórdias entre o casal e problemas a cada um dos adultos:

“Portanto isso vai ter que ser uma coisa estabelecida, pelo menos para mim é um deal breaker para mim, é independentemente da natureza da relação, as crianças não podem sair prejudicadas, nem ser usadas como forma de ataque nem de atingir outra pessoa, já vi isso acontecer em muitos casais”. (Jorge)

Este pensamento vai de encontro à perspetiva dos participantes com filhos por ter sido mencionado por alguns participantes que a relação com os parceiros foi algo que teve impacto para exercerem a parentalidade, devido à relação de confiança, solidez e intimidade. Como refere o participante Diogo, que a altura em que foi pai foi a altura certa para a experiência da parentalidade devido à relação de intimidade com a companheira que antes nunca tinha sentido “eu também não queria com elas... foi só com a N. mesmo que surgiu... com as outras a gente conversava mas não tinha o match desse

projeto conjunto...”. Para além de que, dois participantes que querem exercer novamente a parentalidade concluem que a relação do casal é boa e segura o suficiente para um outro bebé “nós já consideramos que a nossa relação é boa o suficiente e segura o suficiente para dar esse passo...” (Diogo).

Além disso, este participante também menciona que no trabalho também estava numa situação bastante confortável profissionalmente e financeiramente, sendo que essas situações foram algo que influenciaram positivamente para sentir que estava preparado para a parentalidade. Sendo que, atualmente ao querer ter mais filhos, destaca a estabilidade financeira e de adaptação do novo local de habitação como alguns dos aspetos que consideram importantes para ser pai novamente:

“Então nós estamos aí trabalhando a nossa vida, passamos por uma mudança radical... (...) é uma mudança de vida, nós acabamos de nos tornar pais, é uma mudança de vida, são só dois aninhos ainda somos bebés na parentalidade e nós temos a ideia de que quando eu estiver estabilizado... hoje eu estou num momento de investimento... tou construindo um negócio (...) então acho que no momento em que o negócio alcançar a maturidade e que ela também conseguir uma estabilidade financeira (...) é só uma questão de primeiro se estabelecer bem aqui como nós estamos, a gente está ajeitando a casa ainda, chegamos agora, conhecendo a cultura, conhecendo o espaço... assim que essas estabilidades acontecerem vai surgir o irmãozinho ou irmãzinha...” (Diogo)

Assim como Márcia que demonstrou que o momento em que teve a criança foi um culminar de vários aspetos que englobam este tema *altura certa para a parentalidade*, como a idade idealizada, uma fase de vida que considerava ideal e estabilidade ao nível dos seus projetos:

“É, coincidiu, acho que coincidiu a idade que eu queria ter com a vontade mesmo que eu achei que era a fase que tava mais favorável assim em termos de projetos de vida né do que é que eu queria fazer que eu achei que se encaixaria melhor, no momento para ter filho.” (Márcia)

Em conclusão, relativamente à altura certa para ter filhos observa-se uma relação independente com o *desejo e a intenção da parentalidade*. Isto é, metade dos participantes dão mais importância à vontade que pode surgir de maneira a colocarem em prática o desejo e exercerem a parentalidade, ao invés de outros aspetos. No entanto, também dão bastante importância a reunirem certas condições para o momento ideal de terem filhos. Condições essas como a idade, as conquistas pessoais e a estabilidade, que podem

funcionar como promotores para exercerem a parentalidade ou, caso não os tenham alcançado, adiá-la. Ou seja, por um lado os participantes têm consciência que para exercerem a parentalidade tem que existir uma vontade de quererem ser pais/mães. Por outro, há algumas condições que têm o seu peso na intenção da parentalidade por terem a necessidade de realizarem primeiro as suas conquistas de idade, objetivos ou estabilidade. Reunindo assim as condições ideais antes da parentalidade de maneira a poderem desfrutar dessa experiência confortáveis com aquilo que ambicionaram.

Receios Sociais que Adiam a Concretização da Parentalidade

Este tema refere-se aos aspetos sociais que os participantes apresentam como sendo medos e dificuldades da parentalidade. Medos esses que fazem com que haja um adiamento da experiência da parentalidade. Isto é, estes participantes apresentaram diversos motivos e perspetivas numa visão futura daquilo que pode acontecer com os seus filhos, devido às experiências e conhecimentos do quotidiano de cada um. Mais de metade dos participantes demonstraram receio nas adversidades sociais que podem surgir e na forma como a sociedade poderá lidar com a diferença deste grupo de pessoas em relação àquilo que é considerado o normativo.

Referidos pela maioria, identificaram-se os receios em relação à entrada na escola e aos processos escolares. Principalmente, as questões ao nível da educação e de como podem influenciar as crianças com ideologias hetero e mono-normativas que não correspondem ao que eles quererão para a educação dos seus filhos:

“influência sobre é uma coisa que a sociedade em si acaba por tentar ensinar aquilo que conhece às crianças, ou seja, os homens são assim, as mulheres são assado e os meninos querem isto, as meninas querem aquilo... e essa heteronormatividade, essa inclusive normatividade de género binário, etc... acaba por operar muito em vários ambientes em que os pais não estão presentes e mesmo quando os pais estão presentes isto pode causar muita confusão nas crianças porque nós tentamos ensinar de uma forma mais arco-íris, mais tolerante e mais informada e depois ter um professor ou um educador, educadora a dizer “ah que ideias são essas? Isso não é assim...”... inclusive se estivermos a falar de pessoas que podem eventualmente ter uma educação mais religiosa e que queiram impingir essa educação às crianças, isto depois transporta-se para tudo, não é?!” (Jorge)

Ainda, a discriminação nesse âmbito escolar foi algo mencionado por alguns participantes, com receios de certas atitudes menos positivas da parte de colegas e professores da escola dos filhos, bem como dos pais que podem ter um certo preconceito

da aproximação dos participantes com receio do convívio com os mesmos. Sendo que estas atitudes podem ter repercussões nas crianças, como o sofrimento e confusão das mesmas:

“Portanto, se eles souberem que eu... imaginando um caso em que eu e duas parceiras vamos buscar os miúdos à escola e as pessoas apercebem-se que ambas as parceiras estão comigo, isto pode causar nas pessoas aquela estranheza de “mas o que é que é esta gente? mas o que é que eles andam a fazer? eu não quero que os meus filhos tenham contacto com esta gente” pronto, forma mais comum e simples de discriminação e as crianças podem obviamente sofrer e muito com isto porque depois os pais passam essa mentalidade para os filhos deles e os filhos deles conseguem, por não saber como é que a realidade ainda funciona, podem ser até bastante cruéis e isto pode gerar muita confusão...portanto teria que ser uma coisa muito bem, muito bem equacionada...” (Jorge)

Outro receio que foi referido por alguns participantes foi em relação às questões apenas legais para os pais monogâmicos. Referiram o impedimento que existe para todos os envolvidos poderem participar simultaneamente nos diversos processos que ocorrem desde o nascimento da criança, inclusive o momento de colocar o nome dos pais na certidão de nascimento, e outras situações em escolas e hospitais:

“por exemplo, questões legais quem é que vai à escola com a criança, quem é que... se a criança tiver um problema no hospital quem é que vai, quem é que não vai... mas sabes que nós... isso, por exemplo, é um direito legal... os pais monogâmicos têm que nós não temos. Ou seja, nós não temos licença parental, etc... nós não podemos distribuir por mais de duas pessoas, lá está... pai e mãe e ponto...” (Duda)

Uma vez que são confrontados com o preconceito que existe ao longo das suas vidas por serem poliamorosos e, ao terem consciência da maneira como a sociedade lida com eles, percebem um receio futuro em relação aos seus filhos. No entanto, com base nestes receios ou desta percepção do impacto da sociedade, os participantes demonstraram diferentes formas ao nível da intenção de terem filhos. Para alguns participantes não será um impedimento. Para outros, será algo que terá algum peso na tomada de decisão e que tenha de ser algo bem equacionado.

Existem dois participantes que sentem que será algo que poderá ter algum peso na sua intenção da parentalidade, tendo que ser algo devidamente avaliado por poderem expor uma criança a possíveis adversidades sociais:

“ao fim ao cabo é a maneira como... trazer uma criança ao mundo de qualquer maneira, ou trazê-la ou tudo mais... é também lidar com isto... é lidar também com as dificuldades que é socialmente. Apesar de eu ‘tar completamente out, mas uma coisa é eu ‘tar out outra é pôr uma criança no meio de um processo destes também... não é?! Estar submetida a uma situação que pode ser desconfortável.” (Duda)

No entanto, existem participantes que demonstram uma outra perspectiva, de não ser um impedimento e poder ser algo conversado. Como o caso de Lúcia, pois considera que esta visão da sociedade lhe provoca uma motivação para a parentalidade:

“porque é assim “eu prefiro uma mãe como eu” tipo assim eu sei que é uma autoestima alta né mas assim eu prefiro eu ser mãe de uma criança que eu sei que eu vou dar muito mais abertura para essa criança ser quem ela é, vamos supor que eu tenho um menino, eu seja mãe de um menino que seja super afeminado, independente dele ser gay ou não ser gay mas tem aquele jeito bem afeminado de ser, eu nunca iria reprimir uma criança assim então eu prefiro mil vezes eu ser a mãe dele com a consciência que eu tenho do que essa criança seja filha de uma pessoa totalmente conservadora e talvez isso também me motive muito a adotar porque eu penso muitas vezes isso que às vezes assim aquela criança tá ali, um órfão, uma pessoa que foi abandonada pela família pode ser que essa criança seja adotada por uma outra pessoa então eu prefiro mil vezes eu adotar vamos supor que eu crio um laço com uma criança que de repente aconteça “nossa eu amo esse ser, eu quero muito ser mãe dessa pessoa, dessa criança” eu prefiro mil vezes que essa criança seja minha filha que eu sei que eu vou dar uma condição de abertura, de diversidade, de recetividades dela ser quem ela é com a consciência que eu tenho hoje dessas questões sociais do que essa criança ir parar numa família sabe... (Lúcia e Fábio)

Existe, nesta participante um reconhecimento do impacto da visão da sociedade sobre a parentalidade sendo que se evidencia não o medo, tornando-se num impedimento, mas uma motivação, tornando-se numa vontade. Existe, também do ponto de vista de Fábio, uma vontade de educarem fora das normas convencionais, com ideologias isentas de preconceitos e incapazes de reprimir qualquer que seja a vontade das crianças. Por isso, Fábio considera que não terá impacto na decisão de terem filhos mas que irá existir, inevitavelmente, pensamentos sobre a estrutura da sociedade que está incutida desde o nascimento da criança e na respetiva educação que lhe irão dar, existindo assim, um estado de alerta perante as questões sociais:

“então assim eu acho que tudo isso já vai interferir desde o início assim da gente pensar a forma como a gente vê o mundo vai interferir na forma como que a gente vai criar uma criança e o facto da gente criar uma criança vai fazer com

que a gente esteja ainda mais atentos né a essas questões sociais que são tão importantes para nós. (Fábio)

Por conseguinte, existe uma associação independente entre este tema e o tema *desejo e intenção da parentalidade*. Ou seja, observa-se nestes participantes certos pensamentos negativos daquilo que consideram poder vir a acontecer com a inserção dos seus filhos na sociedade, principalmente ao nível da discriminação. O que leva a que, esses pensamentos promovam duas situações diferentes: um retraimento em relação à intenção de terem filhos, que acontece com a maioria, mas também uma motivação. Pois o que acontece com a maioria dos participantes é que apesar de terem desejo de serem pais/mães, os seus receios impedem de pensarem em exercer a parentalidade.

Antecipação da Experiência da Parentalidade

Neste tema são apresentadas as visões daquilo que os participantes antecipam que poderá ocorrer e/ou que gostariam que ocorresse com a parentalidade, especificamente no que ambicionam que a experiência traga. Este tema é constituído por um subtema - *balanço entre vantagens e desvantagens sobre a parentalidade*.

Metade dos participantes considera que com a parentalidade surgirá uma mudança, percecionando-a em vários aspetos, principalmente no nível do seu quotidiano, como por exemplo as diversas atividades em que estão comprometidos e no foco daquilo que consideram importante atualmente para passarem a estar centrados em coisas para e sobre a criança.

No seguimento deste pensamento, também foram mencionados outros aspetos, tais como: alegria, adaptações, aprendizagens, crescimento, transformações, autoconhecimento, uma maior atenção para umas coisas e desvalorização de outras, menos egoísmo, maior altruísmo, menos solidão, mais responsabilidade, “mais amor”, situações prazerosas e divertidas, novos desafios, ter uma criança que acompanhe os passeios, oferecer uma vida isenta de problemas:

“Sem dúvida há muita coisa que se aprende, pelo que eu já pude retirar de experiências de outras pessoas, nós crescemos imenso enquanto seres humanos ao ter filhos e reorganizarmos as nossas prioridades de uma forma diferente, pelo que me dizem, acho que é disso que eu vou à procura... (Jorge)

São vários os pensamentos acima descritos pelos participantes sem filhos que vão ao encontro das perspectivas dos participantes com filhos que deram a sua opinião da experiência em si. Estes participantes com filhos frisaram que existe: uma ternura diária, uma grande importância da criança para eles, a criança como prioridade, um amor imenso, uma grande responsabilidade, desgaste, uma evolução pessoal e uma enorme aprendizagem.

Alguns dos participantes sem filhos também mencionaram um aspeto em comum que querem que aconteça que é contribuir para uma mudança no mundo através da sua educação para com a criança e, conseqüentemente, serem um exemplo:

“e também tem essa coisa do desapego né, porque esse ser humano é ser humano para o mundo né, não é para mim então... mas além disso é assim... reiterando isso que eu tou falando tem a importância de eu acreditar que se eu tratar a coisa com naturalidade esse ser humano vai ser um ser humano que vai ser desconstruindo de, pelo menos, alguns preconceitos, entendeu? Penso eu... obviamente não tem afirmar que isso vai acontecer mas isso seria uma coisa que me traria felicidade imensa... desse ser humano não sei... alguém... melhor... melhor que eu... sabe... melhor que sei lá, que possa viver num ambiente que tenha sei lá, amor, carinho, cuidado, mesmo que seja fora dos padrões, entendeu? E viver fora dos padrões é uma possibilidade também entendeu que... o padrão ele não precisa ser harmônico, de momento pode sei lá, pode ter adversidade... a adversidade é possível né... nesse sentido... eu acho que são essas experiências assim que talvez me mobilizam mais...” (Susana)

Ou seja, puderem ser um exemplo ao terem uma postura transparente em relação a vários assuntos, nomeadamente o poliamor de maneira a normalizarem e a não esconderem, bem como, todos os seus princípios e valores que consideram importantes:

“No entanto, a minha utopia, o meu desejo máximo é que sirva inclusive de exemplo que não existe só uma forma de fazer as coisas, existem milhares de formas diferentes e que todas essas formas diferentes que sejam saudáveis e equilibradas, que não violem direitos humanos ou que não violem direitos de consentimento de pessoas adultas e de crianças, por aí adiante (...) mas a arquitetura das famílias deve ser um tema mais desenvolvido e se a minha família futura vier a ser esse exemplo eu estarei bastante contente com a situação” (Jorge)

Balanço entre vantagens e desvantagens da parentalidade

No sentido de antecipações dos participantes sobre a parentalidade, este subtema abrange os aspetos que são considerados como possíveis vantagens e desvantagens que

os participantes antecipam poder ocorrer da experiência da parentalidade e um balanço daquilo que consideram prevalecer. Os participantes com filhos também demonstraram a sua opinião acerca da sua experiência.

Em relação às vantagens, mencionam maioritariamente aspetos de realização, aprendizagem e gratificação pessoal que vai ao encontro daquilo que os participantes que já têm filhos demonstraram:

“Aprendizagem... eu acho que é o grande elemento, eu acho que uma criança sempre uma circunstância de aprendizagem o tempo inteiro porque ela também tá aprendendo e você tá acompanhando ali e ela sempre traz elementos para você refletir sobre si mesmo também, eu acho que é isso... a criança se considera como uma parceria, parceria de aprendizagem (riu-se)” (Fábio)

No que se refere às desvantagens, os participantes associam os custos às questões financeiras, desgastes físicos e psicológicos, condicionamentos ao nível do tempo e atividades, tais como: uma menor disposição para certas atividades, a redução da sua participação e investimento em projetos pessoais, dormir mal, má alimentação, doenças, exaustão, dependendo de uma grande atenção, impedimento da liberdade tanto a nível financeiro como ao nível das viagens, menos tempo para conseguir realizar aquilo que desejam, tempo mais condicionado e limitado para tomar conta da criança, assim como a questão financeira com despesas, menos disposição para conhecer outras pessoas e, ainda, ter que haver uma logística de planeamento que antes não existia:

“a minha participação em muitos sítios, lá está, teria que reduzir hm... e se calhar muito investimento que eu agora faço em projetos pessoais tinha que pará-los, tipo não teria outra hipótese... pelo menos nos primeiros anos...” (Duda)

Ou ainda, pelas palavras de outra participante:

“A parte de não ter tanta liberdade, em termos financeiros, em termos espaciais, ou seja, não podermos ir de sítio para sítio a cada 2 meses, ou seja não dá para viajar assim tão rápido com uma criança tão pequena... sim... é mais isso...sim...” (Tânia)

Não obstante, todos os participantes à exceção de duas, consideram que as vantagens prevalecem em relação às desvantagens que antecipam da parentalidade. Esta perspetiva vai de encontro ao que os participantes com filhos afirmaram. Acrescentando ainda as palavras da participante Nádia que vê esta experiência como uma castração e uma construção, simultaneamente. Sendo que conclui que a filha é um limitador, mas

uma limitação “prazerosa”, afirmando existirem mais benefícios do que custos por declarar estes últimos como momentâneos:

“ela é a minha prioridade A, ela ‘tá acima de mim mesma, assim a nível de desejo de bem-estar e isso passa por energia, tempo, recurso, tudo (...) Então limita muito, limita muito sim, a existência dela...mas é uma limitação prazerosa sabe, ela é tão mais...” (Nádia)

Discussão

A presente investigação teve como principal objetivo estudar a aspiração à parentalidade numa amostra de indivíduos poliamorosos e para tal foi realizada uma análise temática com nove participantes, com e sem filhos. Para este estudo das experiências específicas de cada participante foi utilizado o modelo da Teoria *de Life Course* de maneira a compreender os dados obtidos segundo os seus princípios. Através desta informação analisada, identificaram-se sete temas e nove subtemas que serão explicados seguidamente bem como as relações e interligações que existem entre eles. Por último, através deste estudo pretende-se contribuir para o enriquecimento da literatura e aumentar o conhecimento de maneira a que haja uma normalização das experiências da parentalidade em indivíduos poliamorosos e, conseqüentemente, diminuir a discriminação para com estes indivíduos.

O primeiro tema que foi identificado foi a *relação com os parceiros*, composto por dois subtemas: *fechamento da relação pelo início da parentalidade e reabertura da relação após a parentalidade*, visto que o início da parentalidade provocou um fechamento das relações centrais relativamente às restantes relações existentes, algo que estão a considerar abrir gradualmente. Este tema associa-se ao tema *tomada de decisão da parentalidade no seio do poliamor* por se apresentar a situação de escolha dos parceiros para a experiência da parentalidade, uma vez que existem mais relações. Ainda, associa-se também ao tema *interligação do poliamor na parentalidade* que abrange as perspetivas de integração das várias relações atuais e/ou futuras com a parentalidade, as várias dinâmicas que poderão surgir entre todos, alguns dos benefícios que poderão advir e a comparação entre a expectativa e a realidade dos participantes com e sem filhos. Em relação ao tema *desejo e intenção da parentalidade*, existem três subtemas que o integram: *interação com crianças como promotora do desejo da parentalidade*, *desconstrução dos papéis de género como promotor para a parentalidade* e *mudanças de perspetiva sobre a parentalidade*. Os dois primeiros subtemas referem-se aos aspetos destacados pelos participantes como o que os fez/faz despoletar o desejo e intenção de terem filhos e, o terceiro subtema demonstra que os participantes ao longo da sua vida têm várias ideias em relação desejo e intenção e àquilo que os fez alterar os pensamentos sobre exercerem a parentalidade. Este tema associa-se ao tema *altura certa para a parentalidade* e ao *receios sociais que adiam a concretização da parentalidade*. No que se refere ao tema *altura certa para a parentalidade*, identificaram-se três subtemas: *fator*

idade, fator das conquistas pessoais e fator estabilidade, por abrangerem vários aspetos que os participantes consideram ser os ideais para poderem exercer a parentalidade. Em relação ao tema *receios sociais que adiam a concretização da parentalidade*, destacaram-se os medos que os participantes manifestam ao pensarem sobre a parentalidade e a inserção dos filhos na sociedade, o que os faz retrair-se sobre o assunto. Por último, ainda surgiu o tema *antecipação da experiência da parentalidade* que tem como subtema o *balanço entre vantagens e desvantagens sobre a parentalidade* que está diretamente associado ao tema por ser algo que os participantes ambicionam que aconteça como vantajoso, mencionando também algumas desvantagens e um balanço entre as duas.

Primeiramente, é de salientar o fechamento da relação pelo início da parentalidade, um aspeto apenas abordado pelos participantes com filhos e que permite uma observação da realidade dos acontecimentos destes indivíduos ao se depararem com a parentalidade. Ou seja, o que ocorreu com estes participantes foi que face às várias relações existentes houve um fechamento da relação central, que corresponde à relação com a pessoa com quem decidiram exercer a parentalidade de maneira a se concentrarem, em conjunto, nessa nova experiência. O que vai de encontro com Sheff (2011) ao longo dos seus estudos ao longo de 15 anos, com a população poliamorosa com filhos, onde a mais frequente configuração dos seus participantes era composta por um casal primário com filhos. O que pode sugerir que, e através do *princípio da agência* da Teoria de *Life Course*, os indivíduos face ao companheiro/a e ao estado da relação central que mantinham, possa ter existido uma construção da sua própria ideia da parentalidade. Isto é, através da relação que tinham e da perspectiva de um futuro para a mesma, pode ter existido uma construção daquilo que os participantes queriam para si, para o seu futuro e, conseqüentemente, para o seu futuro enquanto casal. Ou seja, resultou num planeamento enquanto casal de exercerem a parentalidade, ao invés de inserirem outras relações.

No seguimento deste pensamento, pode-se observar a perspectiva de Burde (2013) que afirma que a sociedade está preparada para passar o conhecimento da gravidez num relacionamento monogâmico, ao existirem certos sites, aulas e modelos que ajudam e preparam os pais monogâmicos. O mesmo não acontece com os pais poliamorosos que não têm acesso a esses recursos ao lidarem com questões e situações exclusivas do poliamor. Portanto, este pensamento de que a sociedade está mais direcionada para a parentalidade em casais monogâmicos, promovendo informação e ajuda nesse sentido que os indivíduos poliamorosos não têm, pode-se sugerir que os participantes deste estudo

tiveram também eles uma necessidade de se dedicarem exclusivamente à relação primária, para exercerem a parentalidade, e assim assemelhando-se a casais monogâmicos. Esta situação parece ir ao encontro do terceiro princípio - *o impacto da história e do lugar* - do modelo da Teoria de *Life Course* que diz que os contextos sociais e históricos em que os indivíduos se encontram podem ter um impacto e/ou afetar através de eventos e condições sociais, econômicas e culturais (Mortimer & Shanahan, 2003). Sendo que, um aspeto que também pode estar por trás deste fechamento de relações é o facto de existirem ideias da sociedade enraizadas nos indivíduos como sendo as normativas a seguir e que, mesmo que os indivíduos poliamorosos acabem por desconstruir alguns dos conceitos normativos, também acabam por seguir outros, por falta de informação e normalização sobre o assunto. O que acaba por se ligar, novamente ao *princípio da agência*, uma vez que pela informação existente os indivíduos acabam por planear determinadas ideias com aquilo que a sociedade lhes incute. Não obstante, a reabertura da relação surge como algo que os participantes pretendem que aconteça, mas de uma forma gradual de maneira a conciliarem a parentalidade com o poliamor. O que leva a outro aspeto também mencionado pelos participantes, a interligação entre poliamor e parentalidade.

Seguidamente, a interligação entre poliamor e parentalidade refere-se às ideias e opiniões dos participantes sobre a integração das várias relações atuais e/ou futuras com a parentalidade, as várias dinâmicas que poderão existir entre todos e alguns dos benefícios que daí poderão surgir. Sendo que, todos os participantes percebem existir benefícios resultantes da interação e presença das várias relações na vida dos seus filhos, frisando a existência de uma rede de apoio como a possibilidade de existirem mais pessoas a exercer funções normalmente atribuídas à família, havendo mais apoio emocional e logístico, mais referências e suporte, ainda, uma criação mais coletiva das crianças aliviando a experiência de cuidado parental. O que vai ao encontro do estudo de Arseneau, Landry e Darling (2019) sendo que é um estudo com participantes que já têm filhos, onde é apresentado que ao terem vários parceiros obtiveram mais apoio sendo visto como facilitador para experiências positivas de gravidez, nascimento e pós-parto. Ainda, o estudo de Sheff (2010), onde os participantes apresentaram que o aumento de recursos potenciado pela presença de vários adultos é outro dos benefícios. Uma vez que, segundo esses resultados, podem responder a diversas necessidades e distribuir tarefas, possibilitando um aumento do tempo pessoal para os adultos e mais atenção para as crianças.

Não obstante, é interessante observar que os resultados do presente estudo demonstram uma perspectiva diferente entre a expectativa e a realidade. Ou seja, por um lado os participantes sem filhos demonstram uma perspectiva de comunidade, união e entreaajuda entre as suas atuais e/ou futuras relações e os seus filhos. Por outro, os participantes com filhos demonstram que houve um fechamento da relação e cingiram-se apenas aos companheiros com os quais partilharam a experiência da parentalidade. Em conclusão, parece sugerir que o facto da parentalidade em indivíduos poliamorosos não ser algo normalizado na sociedade é algo que tem o seu impacto para a criação de ideias e planeamento da parentalidade nos indivíduos poliamorosos. Isto é, não existir informação, ajuda e direitos iguais aos indivíduos monogâmicos e heteronormativos, dificulta a que estes indivíduos concretizem a parentalidade de outra forma.

Em relação às aspirações à parentalidade, é possível observar que todos os indivíduos sem filhos apresentaram desejo de terem filhos, variando ao nível da intenção pois alguns demonstram uma maior intenção de concretizar a parentalidade do que outros. Segundo Riskind e Patterson (2010), o desejo de se ser pai/mãe pode ou não ser acompanhado de uma intenção de fazê-lo. O que se observa nos participantes do presente estudo, pois poucos têm intenção, entre aqueles que não têm filhos apenas dois apresentaram intenção de terem filhos e, entre os três participantes com filhos, apenas um relatou não querer exercer novamente. Tal acontecimento vai ao encontro de vários estudos, como por exemplo de Baiocco e Laghi (2013) em Itália, Bos, Balen e van den Boom (2003) na Holanda, Costa e Bidell (2017) em Portugal, e Riskind e Patterson (2010) nos Estados Unidos. Apesar de que, os estudos apresentados foram realizados com amostras de indivíduos LGBT e o presente estudo com indivíduos poliamorosos. Todavia, a aspiração à parentalidade é algo que envolve bastantes aspetos e, por isso, o desejo e a intenção da parentalidade associam-se a outros temas, como a altura certa e os receios sociais que adiam a concretização da parentalidade, para uma melhor compreensão das aspirações destes indivíduos. Uma vez que, estão presentes neste estudo aspetos que relacionam o facto de terem desejo, mas não pensarem em exercer a parentalidade, por terem a necessidade de reunirem algumas condições específicas - altura certa - ou, por medo da perspectiva futura entre os seus filhos e a sociedade - receios sociais. Sendo que, esta perspectiva será aprofundada posteriormente.

Ainda, como promotor do desejo e intenção de ter filhos surgiu a interação com as crianças, relatada por metade dos participantes. Para estes participantes havia um aumento do desejo da parentalidade através da interação com crianças ou apenas

visualização de pais com crianças. Para alguns destes participantes, por intermédio de filhos de companheiros/as ou de familiares era recorrente ter crianças por perto e cuidar delas, aumentando assim um desejo de também eles terem filhos. O que vai ao encontro de Berkowitz e Marsiglio (2007), num estudo realizado com 19 indivíduos gays sem filhos e 20 pais gays, com idades compreendidas entre os 19 e os 55 anos e residentes nos Estados Unidos, onde foi encontrado este mesmo aspeto. Apeto esse o de os homens consideraram que a sua consciência de parentalidade aumentou ao cuidar de crianças, ao interagir com mães lésbicas ou ao encontrar outro parceiro que era pai. O que parece sugerir ter ocorrido um *turning point* apresentado no modelo da Teoria de *Life Course*. Isto é, segundo Mortimer e Shanahan (2003) um *turning point* geralmente envolve eventos ou experiências que resultam em mudanças na direção de um padrão a longo prazo. Ainda, os autores Gotlib e Wheaton (1997) consideram que o *turning point* abrange uma mudança no significado da vida ou numa direção da mesma, para além de uma autorreflexão e perceção da respetiva mudança, sugerindo que as várias experiências de contacto com as crianças possam ser o ponto de viragem para que os indivíduos passem a desejar a parentalidade.

Outro aspeto que se identificou como promotor do desejo e da intenção da parentalidade foi a desconstrução dos papéis de género, relatado por um casal de participantes, tendo sido primeiramente sugerido pelo participante Fábio mas que acabou por ter bastante influência num aumento de desejo para a parentalidade tanto dele como da sua companheira. O aspeto pertinente a ter em conta está relacionado com a parentalidade, ou seja, a desconstrução do papel de pai e mãe associado desde sempre pela sociedade como o homem (o pai) e a mulher (a mãe), e às diferentes funções associadas a cada um. Na situação do participante Fábio, este apercebeu-se que queria exercer o papel de mãe, normalmente associado ao papel de cuidadora, referindo-se a pai e mãe como figuras parentais e dissociando-as dos papéis masculino e feminino. Ainda a companheira Lúcia identifica-se mais com o papel de pai, normalmente associado com um papel menos presente nas responsabilidades diárias de cuidado, continuando assim com o seu trabalho, tarefas e atividades. Ao encontro deste pensamento, apresenta-se o estudo de Martins, Abreu e Figueiredo (2014) em Portugal, com cinco casais heterossexuais e monogâmicos, de idades compreendidas entre os 26 e 33 anos e com filhos. Nesse estudo destacou-se a grande variedade de experiências e diferenças entre as práticas masculinas e femininas, reconhecendo o peso que as relações sociais de género têm na determinação do significado individual e social atribuído ao ser pai e ser mãe.

Sendo que, os autores mencionam como objetivo que as mães e pais consigam compreender que os seus papéis podem reproduzir modelos válidos ou abrir novas possibilidades, na tentativa de se libertarem dessas influências sociais. Ainda, sendo que os casais do mesmo sexo tentam desconstruir vários conceitos e, nomeadamente, os conceitos dos papéis parentais, encontra-se o estudo qualitativo de Schacher, Auerbach e Silverstein (2005) realizado a 21 homens gays que exerceram a parentalidade, nos Estados Unidos. Esse estudo demonstrou como os homens gays estão a alterar as normas tradicionais de família, masculinidade e de papéis de género enquanto modelos alternativos de família. Posto isso, os participantes desse estudo demonstraram ter um sistema de crenças em que não associam papéis e deveres parentais ao género. Para além de que, discordam com a ideia de que as mulheres são naturalmente mais adequadas para a parentalidade do que os homens, sendo estes igualmente capazes de criar filhos como as mulheres. Assim, é afirmado por Schacher, Auerbach, e Silverstein (2005) que existe uma integração de uma parte mais emocional destes pais com os seus filhos ao invés do contrário do estereótipo de pai ausente e emocionalmente distante, dedicando-se às questões de contribuição e suporte financeiro. O que se liga com o terceiro princípio - *o impacto da história e do lugar* - do modelo da Teoria de *Life Course*, uma vez que o fator sociedade tem bastante impacto nos indivíduos e, concretamente, na visão que a sociedade tem em relação à parentalidade e à forma como é inculcada nas pessoas ao longo dos tempos. Analisa-se assim a importância que a estrutura social tem neste processo, pois tanto cultural como historicamente determinam os significados e as representações da parentalidade e da própria experiência da mesma. O que sugere que, havendo uma desconstrução desta ideia e indo ao encontro do pensamento de Rabun & Oswald (2009), o facto do contexto histórico atual ser um contexto, permite que haja uma reflexão sobre as questões da paternidade de uma forma diferente que outro grupo de indivíduos de uma coorte anterior. Por isso, os participantes imaginam-se a formar uma família desconstruída dos conceitos tradicionais de papéis de género, identificando-se dessa forma e permitindo-lhes perspetivar sobre uma parentalidade diferente. É esta visão diferente da parentalidade com as condições diferentes que é promotora da aspiração à parentalidade e, que conseqüentemente, ao perspetivar proporcionam um aumento do desejo e intenção da parentalidade.

Associado ao desejo e à intenção surgiu o subtema das mudanças de perspetiva em relação ao mesmo, pois metade dos participantes demonstraram que alteraram a sua visão e desejo da parentalidade devido a alguns acontecimentos que surgiram ao longo

das suas vidas. Sendo que, os eventos mencionados pelos participantes para estas mudanças foram: a entrada na faculdade, a iniciação ao poliamor, a relação atual e transição de género. O que vai de encontro com a ideia do modelo da Teoria de *Life Course*, sobre as trajetórias e transições e que, segundo Mortimer e Shanahan (2003) uma transição é uma mudança de vida ou um evento dentro de uma trajetória, a trajetória é uma sequência de estados vinculados dentro de um intervalo de comportamento ou experiência conceitualmente definido. Logo, pode-se sugerir que estes acontecimentos de vida dos participantes correspondem às trajetórias de vida que assinalam marcos de viragem daquilo que os participantes queriam para si e, conseqüentemente, reexaminam e potencialmente reestruturam os seus papéis sociais. Ou seja, através do pensamento de Elder (1998) de que os indivíduos são influenciados por diferentes questões em diversos estágios ao longo do curso de vida, pode-se compreender que no presente estudo, as experiências que os participantes enfrentam, influenciaram a forma como olharam para a parentalidade. Experiências essas que vividas pelos participantes resultaram em mudanças na direção de um padrão ou trajetória que também produzem mudanças a longo prazo - quererem ou não exercer a parentalidade, bem como, exercerem-na ou adiarem-na.

Para além disso, de acordo com os princípios do modelo da Teoria de *Life Course*, pode-se observar mais concretamente algumas associações. Por exemplo, a entrada na faculdade aparece associada ao segundo princípio - *princípio da agência* - uma vez que a participante que referiu o assunto declarou que foi o fato de deparar-se com o conhecimento e o seu interesse no mesmo, que contribuíram para que construísse a sua própria ideia da parentalidade. Ou seja, a nova perspectiva que a faculdade lhe estava a dar e a contribuir para que alargasse os seus horizontes, promoveu uma construção da ideia que queria para si e para o seu futuro, resultando num planeando de não exercer a parentalidade. Em relação à relação atual dos participantes, associa-se ao quinto princípio - *o princípio das vidas vinculadas* - pois segundo Mortimer e Shanahan (2003) o início de novos relacionamentos pode ser algo que irá moldar as vidas dos indivíduos e, assim, levar a uma mudança do comportamento. O que ocorreu neste estudo, pois os participantes que não queriam ter filhos, ao iniciarem uma relação manifestaram uma abertura para a possibilidade de terem filhos e, nalguns casos, na concretização dessa possibilidade.

Ainda, a iniciação ao poliamor pode também associar-se ao segundo princípio - *princípio da agência* - pois pode indicar que este ponto de viragem se deveu a uma

descoberta de que existia uma parte de uma identidade subversiva e, assim, o poliamor promoveu uma mudança nos papéis que queriam para si. Sendo que, anteriormente existia uma ideia inculcada pela sociedade - *princípio do impacto da história e do lugar* - que fazia com que desejasse a parentalidade pelo que era suposto, inculcado no quotidiano do desenvolvimento das meninas terem que seguir os exemplos femininos e os replicarem, desde os brinquedos às suas atividades. Segundo Alves e Pitanguy (1985) o papel da mulher na sociedade ao longo do tempo decorreu de uma educação das crianças de maneira diferente de acordo com o género. Assim, as mulheres eram direcionadas para o casamento, funções reprodutoras, de criação e educação dos filhos e, ainda, para todas as tarefas domésticas. Ainda, não tinha o direito a estudar, ao invés disso. Logo, nas participantes que referiram o assunto observou-se que ao iniciar-se o poliamor ocorre uma quebra. Isto é, pode-se sugerir que ocorre um mecanismo de oposição para fugir das normas desde sempre impostas pela sociedade, que as direciona para o pólo oposto e passaram a não desejar a parentalidade. Por conseguinte, através do *princípio da agência*, pode-se sugerir que ocorreu, nestes participantes, uma construção dos próprios cursos de vida através das alternativas percebidas e internalizadas ao desconstruir aquilo que era o normativo.

No estudo de Costa e Bidell (2017), com uma amostra de homens gays e bissexuais e mulheres lésbicas e bissexuais, em Portugal, com idades compreendidas entre os 18 e os 76 anos, houve uma maior percentagem de participantes que apresentaram desejo de ter filhos do que os que apresentaram intenção. O que também acontece neste estudo. É de salientar outro ponto em comum, no estudo de Costa e Bidell (2017) os mais jovens relataram intenção parental significativamente mais forte, destacando que a média das idades dos participantes é 31. O que parece ocorrer neste estudo, sendo que a maioria dos participantes mais velhos, que correspondem a idades inseridas na faixa etária dos 30 anos, demonstram uma perspetiva mais vinculada daquilo que querem. Enquanto que os mais novos, apesar de demonstrarem desejo da parentalidade também demonstram que atualmente não é o momento ideal. Para além de que, entre os participantes mais velhos também se encontram pais e mães. O que leva ao fator altura certa (*timing*) por alguns participantes, apesar de apresentarem desejo da parentalidade, consideram-no como um desejo futuro, uma vez que, no momento atual não se consideram preparados para tal, por terem necessidade de realizar os seus objetivos e/ou de estabilizar emocionalmente.

Em relação ao fator idade, foi um aspeto considerado como bastante importante, por alguns participantes, para a altura de terem filhos. Por exemplo, a aproximação a uma

certa idade foi um motivo que levou uma participante ter tido um filho, como algo que idealizava. Não obstante, os participantes que não têm filhos demonstraram resultados ambivalentes em relação ao assunto, pois uma participante considera a idade como único limitador por querer a parentalidade brevemente. Enquanto que, para outro participante a idade que tem atualmente não é a altura certa para a parentalidade e, por isso, não lhe permite avançar com a mesma. O que se conclui que, para alguns participantes a idade é considerado um potenciador para a parentalidade e, para outros, um adiamento da mesma. No entanto, é de ressaltar que o fator diferenças de sexo pode estar também associado à ambivalência anteriormente apresentada entre os participantes, uma vez que, as mulheres não têm a mesma capacidade de ter filhos biologicamente como os homens, havendo um período mais reduzido para as primeiras. O que leva a que seja possível um adiamento da parentalidade por parte dos homens ao invés das mulheres.

Este estudo vai de encontro ao estudo norte-americano de Goldberg, Downing e Moyer (2012) pois aproximadamente um quarto dos participantes (18 homens: dois casais, 14 indivíduos) associaram o facto de considerarem a sua idade estar mais avançada como um fator que explica a decisão de quererem exercer a paternidade. Muitos dos participantes desse estudo tinham o desejo da paternidade há bastante tempo, no entanto, estavam à espera que ocorresse um crescimento ao nível da maturidade ou uma consciência do seu próprio envelhecimento que os predispuesse para tal. O que acabou por acontecer para exercerem a parentalidade. Os autores Goldberg, Downing e Moyer (2012) referem algo pertinente em forma de conclusão em relação aos participantes que querem apressar a parentalidade devido à idade, anteriormente mencionado, que também vai ao encontro desta presente investigação. Conclusão essa que é o facto dos participantes que em vez de descreverem uma consciência gradual da sua idade, apresentaram uma mudança repentina pela qual sentiram necessidade de iniciarem a parentalidade. Isto é, e relacionando também com o modelo teórico de *Life Course* e segundo a ideia de Elder (1994), houve uma consciência repentina das suas próprias trajetórias do curso de vida e, assim estarem preparados para a próxima grande transição de vida - a parentalidade.

Seguidamente, o fator ordem das conquistas pessoais foi outro fator mencionado pelos participantes deste estudo ao mencionarem a altura certa. Assim, alguns dos participantes, referiram realizações pessoais e objetivos que ambicionam, como necessários de alcançar antes de exercerem a parentalidade, de maneira a não culparem a criança por não as terem realizado e não ficarem frustrados. No seguimento deste

pensamento, consideraram haver uma ligação entre quanto mais realizado forem, ou seja, quanto mais realizações conquistarem, mais tranquilidade terão ao longo da experiência da parentalidade. Ainda, o fator estabilidade foi algo referido em relação à altura certa, tendo sido referida em vários aspetos, nomeadamente, emocional, relacional, do trabalho e da habitação. O que vai ao encontro do artigo de Umberson, Pudrovska e Reczek (2010) que estudaram as pesquisas entre os anos de 1999 e 2009 sobre os efeitos da paternidade no bem-estar nos indivíduos, através dos princípios do modelo de *Life Course*. Assim, estes autores consideram que para a compreensão total da transição para a paternidade é necessário ter-se em consideração o *timing* da paternidade, que pode ser moldado por questões pessoais, relacionais e económicas.

No estudo de Tate e Patterson (2019) observou-se que jovens lésbicas e gays também esperam alcançar outros resultados na vida como a estabilidade financeira, que são semelhantes aos de indivíduos heterossexuais. Assim sendo, os pensamentos destes estudos vão ao encontro deste estudo presente, onde os participantes mencionam a importância da estabilidade do emprego como um promotor de estabilidade financeira, uma vez que o dinheiro é apresentado como um facilitador para certas realizações. Ao que um participante menciona que a falta e/ou dificuldades financeiras pode ser um potenciador de stress para futuras crianças e, assim, algo necessário a estabilizar antes. O que vai ao encontro do estudo de Goldberg, Downing e Moyer (2012), onde para 13 dos participantes a estabilidade financeira foi vista como um pré-requisito para exercer a paternidade. Ainda, neste presente estudo, para alguns dos participantes é considerado necessário que haja intimidade suficiente, segurança e confiança na relação. O que vai novamente ao encontro do estudo de Goldberg, Downing e Moyer (2012) onde alguns dos seus participantes consideraram apenas terem-se tornado pais devido aos parceiros que lhes apresentaram a possibilidade da paternidade, bem como, o facto da altura da parentalidade sido influenciada pela espera de um parceiro que partilhasse o mesmo desejo para a parentalidade. Por último, neste estudo os participantes mencionam os aspetos mencionados anteriormente como ideais para a parentalidade, não obstante, consideram que, principalmente, tem que surgir o impulso de quererem exercer.

Outro assunto associado à altura certa, refere-se a alguns receios sociais considerados pelos participantes que fazem com que estejam a adiar a parentalidade. No presente estudo, metade dos participantes demonstraram receio das adversidades sociais que podem surgir, nomeadamente, da forma como a sociedade poderá lidar com a questão do poliamor em relação às crianças. Receios esses que surgem daquilo que são as

experiências e conhecimentos do cotidiano de cada um dos participantes. O que vai ao encontro do estudo de Berkowitz e Marsiglio (2007), uma vez que muitos desses participantes sem filhos associam o futuro dos mesmos à probabilidade de poderem vir a lidar com dificuldades ao nível da discriminação, provocações e questões, mencionando também a experiência escolar como um potenciador para tal, pois estão conscientes de que grande parte da sociedade os desvaloriza especialmente enquanto pais. Ainda o estudo de Rabun e Oswald (2009) onde os obstáculos sobre a parentalidade apresentados pelos participantes deste estudo referem-se ao preconceito e a discriminação contra a homossexualidade, tendo existido uma deliberação destes indivíduos em relação à parentalidade. Assim sendo, tanto este estudo como os referidos vão ao encontro do princípio do impacto da história e do lugar da Teoria de *Life Course*, por devido à forma como a sociedade vê e lida com as minorias ter impacto nos pensamentos negativos que estes indivíduos antecipam e, conseqüentemente, impacto nas decisões da parentalidade, havendo uma tendência para a adiarem com receio do que pode acontecer para eles como para as crianças. Sendo que estes pensamentos negativos potenciam sentimentos ambivalentes, uma vez que existe um desejo da parentalidade, mas que se retraem com receio da experiência.

Limitações

Ao concluir esta investigação, observam-se algumas limitações. Um dos aspetos a ter em conta é o número da amostra reduzido, o que impede a possibilidade de mais dados, mais informações e mais experiências. A idade, outro aspeto limitador, por estar apenas compreendida entre os 24 e os 37 anos, o que contribui para que não seja uma amostra homogênea, uma vez que a idade também tem influência em bastantes fatores. Assim, não permite que haja uma maior diversidade de experiências e pensamentos, ou, concretamente generalizar numa faixa etária associando a uma geração específica destes indivíduos. Outro limitador a ter em conta foi a dificuldade recrutar participantes para o estudo, por falta de adesão dos mesmos. Esta falta de adesão causou uma necessidade de alargar as características da amostra e, conseqüentemente torná-la um pouco heterogênea devido a alguns aspetos em específico nomeadamente terem já filhos. Para além disso, a situação do COVID-19 também trouxe complicações ao nível da logística do decorrer das entrevistas e diferenças nos métodos da mesma entre os participantes. Isto é, apenas dois dos participantes tiveram as entrevistas presencialmente e os restantes seis por *Skype*. É de realçar que, para além das condições de entrevista não terem sido iguais para todos, as

entrevistas *online* têm influências específicas na entrevista, pois o contacto visual e a postura corporal são bastante diferentes, sendo que o contacto presencial potência mais descontração no decorrer da conversa e, ainda, impossibilitou uma melhor análise de certas características dos participantes. Para além de que, a possibilidade da entrevista ser interferida devido a falhas na comunicação, rede e ligação é uma das limitações nas entrevistas *online*.

Estudos futuros

Com base na investigação realizada e nos resultados obtidos, propõem-se alguns estudos futuros e algumas questões de investigação que serão pertinentes serem analisadas. Primeiramente porque, sendo que a amostra em questão - indivíduos poliamorosos - apresenta uma escassa literatura em geral e, particularmente em relação às aspirações à parentalidade este é um estudo pioneiro. Isto é, ao longo da literatura existente apenas são apresentados estudos relacionados com as vantagens e desvantagens, bem como, as práticas parentais em relação a polifamílias e os obstáculos enfrentados pelas mesmas. Posto isto, proponho que haja uma maior investigação sobre aspirações à parentalidade, bem como esta amostra - indivíduos poliamorosos - de maneira a que haja uma contribuição para a literatura e uma melhor compreensão de certos aspetos tanto em relação às crianças como aos seus pais. Proponho também uma investigação com uma amostra maior e mais abrangente, apenas de indivíduos que ainda não são exerceram a parentalidade. Não obstante, também será pertinente uma investigação apenas de indivíduos que já têm filhos. No seguimento da amostra de indivíduos com filhos, será relevante analisar por um lado em relação à interligação da parentalidade e o poliamor, sobre as várias dinâmicas de funcionamento e as organizações dos vários intervenientes que exerceram a parentalidade, bem como os vários papéis de todos e as ligações existentes. Por outro lado, analisar se o fechamento das relações centrais é algo que ocorre frequentemente pelo início da parentalidade e quais são os motivos concretos que o promovem. Além disso, em relação a outro tema inovador que surgiu neste estudo - a desconstrução dos papéis de género como promotor da parentalidade - seria interessante estudar o assunto, através de numa amostra mais alargada de indivíduos poliamorosos mas também em indivíduos LGBT e heteronormativos para que se abrange várias perspetivas e possíveis comparações e diferenças. Por último, também será pertinente analisar melhor sobre as mudanças de perspetiva da parentalidade e, nomeadamente em relação à iniciação ao poliamor, como surgiu neste estudo, mas que numa amostra

alargada e heterogênea de indivíduos poliamorosos poderá trazer conclusões mais robustas.

Conclusão

Após a realização deste estudo, foi possível concluir vários aspetos em relação às aspirações à parentalidade em indivíduos poliamorosos. Um dos principais resultados é referente aos participantes com filhos, nomeadamente, ao fechamento da relação que ocorreu pelo início da parentalidade. Isto é, face às relações poliamorosas, os participantes restringiram-se à relação central que mantinham com a pessoa com quem decidiram exercer a parentalidade. Assim, devido ao início da parentalidade e de todos os constituintes, vulnerabilidades e exigências que começaram a enfrentar, os participantes decidiram dedicar-se a essa nova experiência em conjunto. Ainda, pode-se sugerir que talvez haja uma falta de informação e/ou ajuda da sociedade de maneira a que haja uma forma de lidar com a gravidez sem excluir outros relacionamentos. Uma vez que, a sociedade providência a informação necessária através de vários meios que ajudam a preparar e a lidar com a parentalidade para os casais monogâmicos, o que não se verifica para os casais poliamorosos. A interligação entre poliamor e parentalidade é outro assunto identificado por todos os participantes, pois todos percebem existir benefícios resultantes da interação e presença das várias relações presentes e/ou futuras na vida dos seus filhos. Sendo que, a existência de uma rede de apoio foi referida com um dos maiores benefícios por alguns participantes, por ser um promotor de mais apoio, emocional e logístico, mais referências e suporte, uma criação mais coletiva das crianças e, ainda um alívio da experiência de cuidado parental e ajuda mental de todos. No entanto, a observação dos resultados parece sugerir uma diferença interessante entre a expectativa e a realidade da parentalidade. Isto é, aquilo que os participantes sem filhos percebem é um ideal de cooperação, ajuda e interação entre as atuais e/ou futuras relações com os seus filhos. Não obstante, a realidade é que com os participantes com filhos ocorreu um fechamento da relação e, assim, exclusão das outras relações, para a participação no início da nova experiência da parentalidade. É de salientar que, os participantes com filhos estão a considerar a reabertura da relação, tendo ocorrido com uma participante, de uma forma gradual e natural, por existir a criança.

Em relação ao desejo e intenção, identificou-se um desejo da parentalidade por todos os participantes e intenção por poucos. Sendo que, a idade entre eles não é algo que os distingue neste aspeto, uma vez que, alguns dos participantes mais novos, apesar de

demonstrarem desejo, apresentam alguns objetivos que consideram importantes realizar antes dessa nova transição do curso de vida, e ainda, alguns dos mais velhos já têm filhos. O que pode também estar associado às diferenças de género, uma vez que os homens têm capacidades para adiar por mais tempo a parentalidade, enquanto que, biologicamente, as mulheres não têm a capacidade de exercer a parentalidade com mais idade. Para além disso, identificaram-se dois promotores do desejo e intenção nestes participantes: a interação com crianças e a desconstrução dos papéis de género. Assim, o contacto com crianças, filhas de parceiro/as ou amigos, ou apenas a visualização de crianças com os seus pais e, com base no modelo *Life Course*, é algo considerado um *turning point* ao nível do desejo destes indivíduos. Relativamente à desconstrução dos papéis de género, é algo pertinente resultante desta investigação. Apesar de ter surgido apenas por um casal, sugere uma perspetiva interessante ao tema, uma vez que o poliamor representa uma desconstrução daquilo que é considerado normativo, também neste sentido sugere uma desconstrução dos papéis sociais associados ao pai e à mãe como algo indiferente ao masculino e feminino. Isto é, há uma identificação de cada indivíduo com cada função a adotar, não existindo obrigatoriedade de fazer ou ser algo com o qual não se identificam. Por isso, ao constatar desta ideia funcionou como um *turning point* para este casal, promovendo um maior desejo na parentalidade.

Outro aspeto interessante que foi identificado foram as mudanças de perspetivas em relação ao desejo da parentalidade por metade dos participantes. O que, segundo a Teoria de *Life Course*, se associa às transições e trajetórias no curso de vida, devido a certos acontecimentos que surgiram ao longo das suas vidas que fizeram com que houvesse uma mudança de pensamentos. É de ressaltar a iniciação ao poliamor e a relação atual que foram das situações mencionadas pelos participantes. É pertinente frisar que foram mencionadas as ideias incutidas pela sociedade ao longo da vida das mulheres de maneira a repetirem e seguirem os exemplos das figuras femininas, como algo que é o suposto a realizar-se, sendo a maternidade uma validação das mesmas. Assim, a iniciação ao poliamor aparece associado com o princípio da agência do modelo *Life Course*, como um ponto de viragem a partir de uma descoberta de uma identidade subversiva reprimida por um ideal incutido pela sociedade - *princípio do impacto da história e do lugar* - associado ao desejo da parentalidade como algo que era o suposto. Assim, com a descoberta do poliamor que ocorreu numa participante parece sugerir que houve uma

mudança de papéis que queria para si como um mecanismo de oposição e fuga das normas, passando a não desejar a parentalidade.

Em relação à altura certa para a parentalidade, observa-se que metade dos participantes afirmaram não existir uma altura certa sendo que alguns fatores que referiram não a definem, o que a define é um momento em que não se está à procura do momento ideal e ocorre uma decisão que se põe em prática, como que um impulso aleatório. Os aspetos mencionados foram: fator idade, fator das conquistas pessoais e fator estabilidade. O que leva a concluir nesta investigação que, a idade é algo com bastante importância para a altura de terem filhos por alguns participantes. No entanto, obteve-se dois resultados diferentes, um potenciador para apressar a parentalidade para alguns por estarem a chegar à idade idealizada e para outro, para adiar-la por não ser a idade ideal da qual ainda não se obteve uma certa maturidade. Para além deste aspeto, surgiu a necessidade dos participantes atingirem certos objetivos antes desta etapa do curso de vida - fator das conquistas pessoais. Ainda, a estabilidade foi bastante mencionada a vários níveis, o que remete para uma noção de que é importante algumas condições estáveis na vida para potenciar um melhor momento tanto para eles como para as crianças, como a nível do emprego associado à estabilidade financeira, a estabilidade emocional como preocupação prioritária antes de se ter filhos e, ainda, a estabilidade da relação.

Por último, outro aspeto importante nesta investigação foi a existência de receios sociais que fazem com que os participantes estejam a adiar a concretização da parentalidade. Sendo que foi mencionado pela maioria, associado ao facto de serem indivíduos pertencentes a uma minoria social. E, como minoria que são, apresentam uma grande probabilidade de serem vítimas de discriminação e marginalização social. Associado ao *princípio do impacto da história e do lugar de Life Course*, pelas ideias normativas incutidas na sociedade, o que faz com que, neste caso, existe um medo de uma perspetiva futura de como a sociedade poderá lidar com os filhos destes indivíduos que não correspondem às normas sociais. Sendo ressaltado, o medo em relação à entrada na escola e aos processos escolares.

Referências

- Altman, I., & Ginat, J. (1996). *Polygamous Families in Contemporary Society*. New York: Cambridge University Press.
- Anapol, D. (2010). *Polyamory in the 21st Century: Love and Intimacy with Multiple Partners*. United Kingdom: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- Anapol, D. (25 de Março de 2011). *Polyamory and Children: Is polyamory harmful to children?* Obtido de PsychologyToday: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/love-without-limits/201103/polyamory-and-children>
- Alves, B. M. & Pitanguy, J. *O que é Feminismo*. São Paulo: Abril, 1985.
- Anderlini-D'Onofrio, S. (2014). *Plural Loves: Designs for Bi and Poly Living*. New York: Routledge.
- Arseneau, E., Landry, S., & Darling, E. K. (15 de Outubro de 2019). The Polyamorous Childbearing and Birth Experiences Study (POLYBABES): a qualitative study of the health care experiences of polyamorous families during pregnancy and birth. *Joule Inc. or its licensors, 191*(41), 1120-1127.
- Bauermeister, J. A. (2014). How Statewide LGB Policies Go From “Under Our Skin” to “Into Our Hearts”: Fatherhood Aspirations and Psychological Well-Being Among Emerging Adult Sexual Minority Men. *Journal of Youth and Adolescence, 43*, 1295–1305.
- Berkowitz, D., & Marsiglio, W. (2007). Gay Men: Negotiating Procreative, Father, and Family Identities. *Journal of Marriage and Family, 69*(2), 366–381.
- Bos, H. M., Balen, F., & Boom, D. C. (2003). Planned lesbian families: their desire and motivation to have children. *Human Reproduction, 18*(10), 2216-2224.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in, 3*(2), 77-101.
- Burde, J. (2013). *Polyamory and Pregnancy (The Polyamory on Purpose Guides Book)*. CreateSpace Independent Publishing Platform.
- Deri, J. (2015). *Love's Refraction: Jealousy and Compersion in Queer Women's Polyamorous Relationships*. London: University of Toronto Press.
- Dickson, E. J. (2019). *Poly parents are losing custody of their kids in brutal divorce battles*. Obtido de melmagazine: <https://melmagazine.com/en-us/story/poly-parents-are-losing-custody-of-their-kids-in-brutal-divorce-battles>.

- Elder, G. (1994). Time, Human Agency, and Social Change: Perspectives on the Life Course. *Social Psychology Quarterly*, 57(1), 4-15.
- Elder, G. (1998). The Life Course as Developmental Theory: Child Development. *Society for Research in Child Development*, 69(1), 1-12.
- Goldberg, A. E., & Allen, K. R. (2020). *LGBT-Parent Families: Innovations in Research and Implications for Practice*. Switzerland: Springer Nature Switzerland AG.
- Goldberg, A. E., Downing, J. B., & Moyer, A. M. (2012). Why Parenthood, and Why Now? Gay Men's Motivations for Pursuing Parenthood. *Family Relations: Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*, 61(1), 157-174.
- Gotlib, I. H., & Wheaton, B. (Eds.). (1997). *Stress and adversity over the life course: Trajectories and turning points*. Cambridge University Press.
- Haslam, K. R. (2014). The polyamorists next door: inside multiple partner relationships and families, by Elisabeth Sheff. *Sexual and Relationship Therapy*, 29(4), 483-484.
- Hauptert, M., Gesselman, A., Moors, A., Fisher, H., & Garcia, J. (2017). Prevalence of Experiences with Consensual Nonmonogamous Relationships: Findings from Two Nationally Representative Samples of Single. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 43(5), 424-440.
- Kitzinger, C. (2014). Heteronormativity in Action: Reproducing the Heterosexual Nuclear Family in After-hours Medical Calls. *Society for the Study of Social Problems, Inc*, 52(4), 477-498.
- Klesse, C. (2018). Polyamorous Parenting: Stigma, Social Regulation, and Queer Bonds of Resistance. *Sociological Research Online*, 24(4), 625-643.
- Larsen, E. (1998). Poly sex for beginners. *Utne Reader*, 90, 20-21.
- Martins, C. A., Abreu, W. J., & Figueiredo, M. A. (2014). Tornar-se pai e mãe: um papel socialmente construído. *Revista de Enfermagem Referência, serIV*(2), 121-131.
- Mortimer, J. T., & Shanahan, M. J. (2003). *Handbook of the Life Course*. New York: Kluwer Academic Publishers.
- Pallotta-Chiarolli, M. (2006). Polyparents having children, raising children, schooling children. *The British Psychological Society*, 7(1), 1467-2472.
- Pallotta-Chiarolli, M., Haydon, M., & Hunter, A. (2013). "These are our children": Polyamorous parenting. Em A. E. Goldberg, & K. R. Allen, *LGBT - parent*

- families: Innovations in research and implications for practice* (pp. 117-131). New York: NY: Springer.
- Pallotta-Chiarolli, M., Sheff, E., & Mountford, R. (2020). Polyamorous Parenting in Contemporary Research: Developments and Future Directions. In: Golberg, A., Allen, K. (eds.), *LGBTQ-Parent Families* (pp. 171-181). Switzerland: Springer.
- Goldberg, & Allen, K. R. (2013). *LGBT-Parent Families: Innovations in Research and Implications for Practice*. Switzerland: Springer.
- Porto, D. (2018). Mononormatividade, intimidade e cidadania. *Revista Direito GV*, 14(2), 654-681.
- Power, J. J., Perlesz, A., Brown, R., Schofield, M. J., Pitts, M. K., McNair, R., & Bickerdike, A. (2012). Bisexual Parents and Family Diversity: Findings From the Work, Love, Play Study. *Journal of Bisexuality*, 12(4), 519–538.
- Rabun, C., & Oswald, R. F. (2009). Upholding and Expanding the Normal Family: Future Fatherhood through the Eyes of Gay Male Emerging Adults. *Men's Studies Press*, 7(3), 269-285.
- Riskind, R. G., Patterson, C. J., & Nosek, B. A. (2012). Childless lesbian and gay adults' self-efficacy about achieving parenthood. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 2(3), 222.
- Robinson, M. (2013). Polyamory and Monogamy as Strategic Identities. *Journal of Bisexuality*, 13(1), 21–38.
- Schacher, S. J., Auerbach, C. F. & Silverstein L. B. (2005). *Gay Fathers Expanding the Possibilities for Us All*, *Journal of GLBT Family Studies*, 1(3), 31-52.
- Sheff, E. (2010). Strategies in Polyamorous Parenting. In M. Barker, & D. Langdrige, *Understanding Non-monogamies* (pp. 169–181). New York: Routledge.
- Sheff, E. (2011). Polyamorous Families, Same-Sex Marriage, and the Slippery Slope. *Journal of Contemporary Ethnography*, 40(5), 487-520.
- Sheff, E. (2014). *The Polyamorists Next Door: Inside Multiple-Partner Relationships and Families*. London: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- Sheff, E. (2016). Resilience in Polyamorous Families. In P. Karian (ed.), *Critical & Experiential: Dimensions in Gender and Sexual Diversity* (pp. 257-278). Hampshire, UK: Resonance Publications.

- Sheff, E. (14 de Julho de 2017). *Polyphobia: Anti-polyamorous prejudice and discrimination*. Obtido de PsychologyToday: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/the-polyamorists-next-door/201707/polyphobia>
- Shenkman, G. (2012). The Gap Between Fatherhood and Couplehood Desires Among Israeli Gay Men and Estimations of Their Likelihood. *Journal of Family Psychology*, 26(5), 828-832.
- Shernoff, M. (2006). Negotiated Nonmonogamy and Male Couples. *Family Process*, 45(4), 407-418.
- Silvério, M. S. (2018). *Eu, tu... ilus: poliamor e não-monogamias consensuais*. Lisboa: ISCTE-IUL, 2018. Tese de doutoramento.
- Souza, A. B., Beleza, M. C., & Roberta, F. C. (2012). Novos arranjos familiares e os desafios ao direito de família: uma leitura a partir do Tribunal de Justiça do Amazonas. *Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 105-119.
- Tate, D. P., & Patterson, C. J. (28 de Novembro de 2019). Desire for Parenthood in Context of Other Life Aspirations Among Lesbian, Gay, and Heterosexual Young Adults. *Frontiers in Psychology*, 10.
- Tweedy, A. E. (2010). Polyamory as a Sexual Orientation. *University of Cincinnati Law Rev*, 79(4), 1461-1514.
- Umberson, D., Pudrovska, T., & Reczek, C. (2010). Parenthood, Childlessness, and Well-Being: A Life Course Perspective. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 612-629.

ANEXOS

Carta de Consentimento Informado

Estudo Aspiração à Parentalidade em pessoas Poliamorosas

Este estudo tem como objetivo estudar a aspiração à parentalidade em pessoas poliamorosas, mantendo mais do que uma relação afetivo-sexual, com idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos, e sem filhos. Contudo, não tem que ter obrigatoriamente aspiração à parentalidade para poder participar, uma vez que é relevante compreender porque há pessoas que querem e outras que não querem ter filhos/as. Aspiração à parentalidade define-se como um ideal, associado ao desejo de ter um/a filho/a. Este ideal envolve estabelecer a parentalidade como objetivo de vida a concretizar. Consideramos este estudo pertinente dada a escassez de literatura existente sobre esta temática. A melhor compreensão do mesmo poderá facilitar a concretização da parentalidade por pessoas poliamorosas, algo que ainda levanta muitos obstáculos. Este estudo está a ser realizado no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica do ISPA – Instituto Universitário. A equipa de investigação é constituída pelas alunas Ana Mendes, Joana Gaspar, Leonor Amaral e Viviana Costa, com a orientação do Professor Doutor Pedro Alexandre Costa. O estudo foi previamente aprovado pela Comissão de Ética do ISPA – Instituto Universitário.

A sua participação consiste numa entrevista presencial ou por Skype, com uma duração prevista de 30 a 45 minutos, com gravação de áudio. A entrevista irá decorrer em um ambiente calmo e tranquilo para que seja o mais confortável possível, e para o efeito poderá ser realizada numa sala da universidade. Após a realização da entrevista, esta irá ser transcrita na íntegra pelas investigadoras que farão a alteração dos nomes, locais ou outra informação que permita identificá-lo/a, por forma a garantir o seu anonimato. Apenas a equipa de investigação terá acesso a estes dados e a gravação áudio será destruída após a transcrição da entrevista, de modo a garantir a confidencialidade da sua participação. Os resultados deste estudo serão apresentados a posteriori de forma global, garantindo também assim que a sua entrevista nunca o permitirá identificar. Não é esperado que a entrevista lhe cause qualquer tipo de mal-estar ou desconforto, mas se isto ocorrer no final da entrevista iremos dar-lhe uma lista de contactos úteis de serviços de apoio a que poderá recorrer. Neste caso, poderá também contactar a investigadora. Tem

o direito a não responder a qualquer questão durante a entrevista assim como a desistir da participação no estudo, a qualquer momento do processo

de investigação e até duas semanas após a realização da entrevista. Para tal pode informar querer desistir pessoalmente ou por email sem nenhum tipo de prejuízo para si, e sem ter de apresentar qualquer justificação. Agradecemos desde já a sua participação. Em caso de dúvida, pode entrar em contacto através dos endereços de e-mail 23336@alunos.ispa.pt (Viviana Costa) ou pcosta@ispa.pt (Professor Doutor Pedro Alexandre Costa).

Declaro que tomei conhecimento das condições do estudo e aceito participar:

(Assinatura do/a participante)

___ / ___ / ____
(Data)

Anexo B – Carta de Devolução

Carta de Devolução

Estudo Aspiração à Parentalidade em pessoas Poliamorosas

O estudo pretende compreender as aspirações à parentalidade em pessoas poliamorosas. Aspiração à parentalidade define-se como um ideal, associado ao desejo de ter um/a filho/a. Este ideal envolve estabelecer a parentalidade como objetivo de vida a concretizar. A aspiração à parentalidade normalmente engloba um forte desejo de ter um/a filho/a, o planeamento, diferentes tipos de motivação, diferentes de expectativas de parentalidade e a forma da sua concretização e a frequência com que as pessoas pensam sobre este objetivo. A análise das entrevistas realizadas tem como objetivo principal uma compreensão aprofundada dos determinantes da aspiração à parentalidade, da antecipação de dificuldades ou obstáculos, e das motivações para ter ou não ter filhos/as. Um segundo objetivo é a construção de uma escala de avaliação da aspiração à parentalidade de pessoas LGBT+ e pessoas em relacionamentos poliamorosos. Caso a sua participação lhe tenha causado algum tipo de mal-estar, sugerimos que contacte os serviços de Apoio Psicológico ou Linha LGBT da Associação ILGA (21 887 3918) ou poderá contactar a investigadora.

Se desejar mais informações acerca do estudo e dos resultados globais, por favor contacte os investigadores através dos endereços de e-mail 23336@alunos.ispa.pt ou pcosta@ispa.pt (Professor Doutor Pedro Alexandre Costa).

(Assinatura da investigadora)

___ / ___ / ____
(Data)

Anexo C – Questionário Sociodemográfico

Idade: _____

Sexo: _____

Habilitações Literárias:

3º ciclo (9º ano de escolaridade) _____

Ensino Secundário _____

Frequência Ensino Superior _____

Bacharelato _____

Licenciatura _____

Mestrado _____

Doutoramento _____

Considera-se uma pessoa poliamorosa?

Sim: _____

Não: _____

Tem filhos?

Sim: _____

Não: _____

Anexo D – Guião da Entrevista

Guião

1. Como identifica a sua orientação ou identidade sexual?
2. Quer-me falar um pouco sobre as relações que mantém?
 - a. Fale-me um pouco mais sobre o acordo que tem com essas pessoas.
 - b. Qual é o género das pessoas com que tem uma relação?
 - c. Há quanto tempo está nessas relações?
 - d. Divide casa com alguma dessas pessoas?
 - e. Há diferenças nessas relações que mantém?
3. Já falou com outras pessoas sobre as suas relações poliamorosas? De uma forma geral, diria que as pessoas sabem das suas relações poliamorosas?
4. Quão importante para si é ser pai/mãe? Porque sente isso?
5. Sente o desejo de ser pai/mãe?

Sim: Quer falar-me sobre esse desejo? (Como surgiu, quando, quão intenso é...)

Não: Porque não deseja ter filhos? Quer falar um pouco sobre isso?

- 5.1.* Antes de ter sido pai/mãe sentia esse desejo?

Sim: Quer-me falar sobre o processo?

Não: Porque não desejava ter filhos? Quer falar um pouco sobre isso?

6. Tem intenção de ter filhos?
 - a. Com que frequência pensa em ter filhos?
 - b. Quando pensa em ter filhos, no que é que pensa concretamente?
 - c. Algum contexto/situação que o/a faça pensar mais sobre ter filhos?
 - d. Já pensou/planeou a forma de como quer vir a ter filhos?
 - e. Em relação às suas relações poliamorosas, pensa em ter filhos?

Sim: Com quem e de que forma pensam em conjunto sobre essa intenção?

f. Antecipa alguns obstáculos ou dificuldades?

6.1.* Tinha intenção de ter filhos?

a. Com que frequência pensava em ter filhos?

b. Quando pensava em ter filhos, o que é que pensava concretamente?

c. De que forma antecipa ou não vir a ter filhos novamente? Pensa em ter filhos de uma forma semelhante ou diferente do/(s) que já teve?

e. Antecipava alguns obstáculos ou dificuldades?

7. Tendo em conta o ambiente que o/a rodeia, de que forma pensa que este pode ter influência no seu futuro enquanto pai/mãe?

8. Como é que imagina que será ter filhos?

8.1.* Como é que imaginava que seria ter filhos? E quão diferente tem sido a experiência?

9. Como é que imagina que será se não tiver filhos?

10. Para si, acha que há uma altura certa para ter filhos?

Sim: Qual é a altura certa?

Não: O que pensa sobre isso?

10.1.* Para si, sentiu que havia uma altura certa para ter filhos?

11. Que benefícios antecipa em ser pai/mãe?

12. Que custos antecipa em ser pai/mãe?

13. Avaliando os custos e benefícios que antecipa, o que prevalece para si?

14. O que significa para si ser pai/mãe?

15. Alguma coisa que queira acrescentar/que acha que ficou por dizer?

**Nota:* Questões adaptadas de acordo com os participantes com filhos.